

Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Minas Gerais

É ASSIM QUE É FEITO: INFÂNCIA INDÍGENA PATAXÓ EM TEMPOS DE PANDEMIA NA ALDEIA ÁGUAS BELAS

UILIAN CONCEIÇÃO DE SOUZA RODRIGUES



2022

***É assim que é feito:* Infância indígena Pataxó em tempos de pandemia
na Aldeia Águas Belas**

**Trabalho de finalização do Curso de Formação Intercultural para Professores Indígenas
Habilitação em Matemática**

Elaborado por:

Uilian Conceição de Souza Rodrigues

ETNIA
Pataxó

ORIENTADORA

Profa.Dra. Carolina Tamayo Osorio

**Faculdade de Educação
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte
2022**

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo responder a seguinte pergunta: *Como as crianças indígenas Pataxó da Aldeia Águas Belas se relacionaram com a educação tradicional desenvolvida em tempos de pandemia?* Para isto, foi desenvolvida uma pesquisa de campo junto com algumas famílias da comunidade Pataxó de Águas Belas no Sul da Bahia (Brasil) a partir do acompanhamento delas no desenvolvimento de diversas práticas socioculturais nas quais crianças participavam. Esta investigação mostra a importância da permanência no tempo da Educação Tradicional Pataxó, aquela que acontece para além da escolarização e, isto foi possível de verificar no período da pandemia provocada pela Covid 19 onde uma boa parte da vida das pessoas do mundo mudou, inclusive a vida das crianças, além do mais como as escolas indígenas fecharam a educação escolar de certa forma parou de funcionar, mas a Educação Tradicional Indígena Pataxó continuou acontecendo e as crianças continuaram aprendendo, porque é assim que é feito.

Palavras-chaves: Práticas Socioculturais; Educação Tradicional Indígena; Crianças; Território Indígena.

Agradecimentos

À Dona Maria Emília e Seu Justino Braz (*in memoriam*) que são a base dessa árvore genealógica que constitui as famílias da nossa comunidade indígena da aldeia Águas Belas.

Agradeço à comunidade da Aldeia Águas Belas, as lideranças e anciões do meu povo Pataxó e às demais etnias indígenas que lutaram pela existência do Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Universidade Federal de Minas Gerais, sem eles eu e todos os outros indígenas que já estudaram e estudam neste curso não teríamos a oportunidade tão rica de ocupar e vivenciar o território universitário, eles todos nos garantiram a participação, a permanência e a conclusão de mais esta etapa educacional das nossas vidas.

Às famílias da minha comunidade que possibilitaram esta pesquisa contribuindo com seu tempo e informações cruciais para o desenvolvimento do trabalho e as aprendizagens construídas.

Aos meus familiares e amigos, principalmente, à minha esposa (Ê'txũi) e companheira Franciane, a qual está ao meu lado o tempo todo, me dando a maior força durante todo o curso, aos meus filhos e minha mãe Maria José, minhas irmãs Erlângela e Thais, minha tia Maria Aparecida e minha filha de coração Jessica, as quais me acompanharam e apoiaram em todos os momentos nesta caminhada.

Agradecemos aos docentes que fizeram parte desta licenciatura, contribuindo com experiências e vivências no árduo trabalho do dia a dia, em especial as professoras Vanessa Tomaz e Ilaine Campos e principalmente minha orientadora Carolina Tamayo que mesmo cheia de trabalho cedeu seu tempo, sempre muito educada, paciente em ajudar, sempre com orientações, sugestões e correções exemplares.

A todos que aqui não foram citados que, contudo, de algum modo contribuiram para que este trabalho fosse concluído da melhor maneira possível, deixo aqui o meu muito obrigado.

Sumário

Capítulo 1	
Apresentação da pesquisa	7
Capítulo 2	
Quem sou? De onde eu venho? Para onde eu vou com esta pesquisa?	19
Capítulo 3	
Como foi construído o trajeto desta pesquisa?	27
Capítulo 4	
A pandemia nos seus inícios na aldeia indígena Águas Belas.....	32
Capítulo 5	
A vida escolar das crianças pataxó antes das pandemia	42
Capítulo 6	
A Infância e a educação tradicional na perspectiva do povo Pataxó	50
Capítulo 7	
<i>é assim que é feito</i> : Infância indígena Pataxó em tempos de pandemia na Aldeia Águas Belas	55
7.1. Práticas da agricultura.....	55
7.2. Práticas na farinheira (produção farinha e beiju)	63
7.3. Prática da construção do bote.....	69
7.4. A educação que acontece dentro movimento indígena.....	73
7.5. Prática de coletas de frutas e sementes	77
7.6. Prática da pesca.....	81
Capítulo 8	
Fechamento.....	88
Referências	90

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Território demarcado de Águas Belas.....	19
Figura 2. Território Pataxó Águas Belas.....	20
Figura 3. Uilian Pataxó com 11 anos de idade.....	21
Figura 4. Planejamento da pesquisa.....	28
Figura 5. Educação tradicional no território.....	32
Figura 6. Foto da reunião.....	34
Figura 7. Foto de fechamento das entradas, barreira sanitária.....	34
Figura 8. Boletim epidemiológico aldeia de Águas Belas, 08 de Julho de 2020.....	36
Figura 9. Boletim do dia 29 de julho de 2020.....	38
Figura 10. Boletim do dia 04 de agosto de 2020.....	39
Figura 11. Prédio construído em 2004 pelo empresário.....	47
Figura 12. Prédio construído em 2011 pelo Estado da Bahia.....	48
Figura 13. Plantando sementes de milho.....	56
Figura 14. Plantando sementes de milho.....	56
Figura 15. Colheita de amendoim.....	57
Figura 16. Prática de plantar feijão.....	58
Figura 17. Prática de plantar milho.....	59
Figura 18. Cuidando do plantio de abobora.....	60
Figura 19. Práticas de colheita e alimentação do milho.....	61
Figura 20. Prática de colheita de beringela.....	62
Figura 21. Limpeza do urucum.....	63
Figura 22. Raspagem da mandioca.....	65
Figura 23. Retirando a goma da massa da mandioca.....	66
Figura 24. Prática de peneirar a massa para produção da farinha e do beiju.....	67
Figura 25. Prática de produção de da farinha e do beijú.....	69
Figura 26. Prática de construção de bote.....	70
Figura 27. Prática de manifestar-se.....	73
Figura 28. Prática de resistencia.....	74
Figura 29. Prática de “fechar a BR”.....	75
Figura 30. Prática de esperarçar.....	76
Figura 31. Prática de coletar.....	78
Figura 32. Áreas degradadas.....	81
Figura 33. Prática da pesca.....	82
Figura 34. Prática de pesca no mangue.....	83
Figura 35. Prática de pesca de caranguejo no mangue.....	84

Capítulo 1

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro. Depois disso tudo, as pessoas não vão querer disputar de novo o seu oxigênio com dezenas de colegas num espaço pequeno de trabalho. As mudanças já estão em gestação
(KRENAK, 2020, p. 10)

É fato notório que a pandemia causada pela Covid-19, que acerca nosso planeta tem provocado complexas e distintas mudanças na vida e no dia a dia de muita gente nos quatro cantos do mundo. Principalmente no que se diz respeito à liberdade, as crenças, a economia, as práticas alimentares, entre outras coisas. A pandemia é assustadora e nos alerta a todo momento que estamos convivendo com um vírus mortal que ameaça as vidas das pessoas no Brasil e no mundo, “estamos vivendo uma crise epidemiológica e política que coloca o país em destaque pelo número alto de mortes”. (SANTOS, SARAIVA, 2020, p. 1). Estes números foram e seguem sendo ignorados pela política brasileira, que enxergam o que está acontecendo, mas não se importam com esses dados. “Os dados e números não dizem tudo, a manutenção de uma política de morte. Números que escondem muito. Escondem as desigualdades que se intensificaram com a pandemia”. (SANTOS, SARAIVA, 2020, p. 2). Desigualdades que tem sido pouco faladas ou considerada como fundamentais para a promoção de projetos políticos e sociais que buscassem diminuir essa enorme distância entre pobres e ricos no nosso país.

A pandemia tem exigido, mais do que nunca, que sejamos solidários com a vida do outro, entendendo que as vidas de humanos e outros seres estão conectadas e que elas dependem das nossas ações. É preciso olhar e cuidar das pessoas, pensar e agir na coletividade, mesmo à distância, mesmo pelas redes sociais, ou inclusive, saindo na rua arriscando-se a ser

contaminado por Covid-19 (como vimos no marco das lutas indígenas na greve desenvolvida em Brasília em 2021 sobre a Rejeição ao Marco Temporal¹). “É tempo de luta! Luta por tantos que sofrem com as desigualdades sociais, as injustiças, o racismo e tantas outras formas de exclusão e violência”. (SANTOS, SARAIVA, 2020, p.3)

Precisamos nos cuidar, cuidar dos nossos saberes indígenas, ainda mais no marco das políticas predatórias que contribuem para o extermínio dos povos originários em nosso país, precisamos cuidar do nosso futuro. Cuidar do nosso futuro é o mesmo que cuidar de nossas crianças indígenas, entendendo que, para Povo Pataxó, minha etnia, o futuro é coletivo e as crianças fazem parte desse coletivo que salvaguarda a vida e a cultura. São as crianças de hoje as que cuidarão de nossos saberes e tradições, assim como, devemos cuidar de nossos mais velhos que são os detentores de todo o nosso saber e conhecimento, é por isso que lutamos, para que nossa história não se perca. Como dizem Noal e Silva (2020, p. 3)

A pandemia tem se configurado como uma nova estratégia de dizimação das populações indígenas do Brasil. Temos acompanhado, com muita apreensão, a morte de lideranças que buscam na cidade o apoio para as suas comunidades e se expõem ao vírus; de anciãs e de anciãos que são bibliotecas vivas desses povos e que, ao morrerem, levam consigo conhecimentos que não estão devidamente registrados e que se perdem. Nesses processos, nosso planeta Terra fica ainda mais vulnerável.

E visível a desimportância dada pelo poder público, tanto para com as nossas comunidades indígenas como para a população menos favorecida no nosso país durante a pandemia provocada pela Covid-19, em especial no que se refere à ao cuidado da vida, ao direito a estar vivos. Os povos originários brasileiros indígenas têm tido seus direitos ameaçados e violados

¹ O Marco temporal é uma ação em discussão no Supremo Tribunal Federal do Brasil que defende que povos indígenas só podem reivindicar terras a serem demarcadas onde já estavam até o dia 5 de outubro de 1988 quando entrou em vigor a Constituição Brasileira. Nós indígenas nos contrapomos a esta ação porque antes da constituição os territórios indígenas estavam em mão de latifundiários, sendo assim nós defendemos que temos direito "originário ao território" porque já ocupávamos este espaço antes da criação do estado brasileiro.

constantemente, estas violências físicas e epistêmicas têm se agravado nos últimos 2 anos e meio, desde que a pandemia começou. A história da América de norte a sul nos mostra o quanto todos povos originários neste continente, e em outros continentes do planeta, tem sofrido com ataques a sua sobrevivência cultural, epistemológica, física, emocional e territorial, ataques denunciados por povos das mais diversas culturas originárias e línguas, como ressalta o indígena Ailton Krenak (2019, p. 7-8)

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. No entanto, passados mais de quinhentos anos, torna-se evidente que as culturas impostas pelos processos colonizadores mais destruíram do que contribuíram com a vida e a natureza. Nesses anos de contato, as comunidades indígenas brasileiras sabem que a correlação de forças é desigual, que as concepções de humanidade são antagônicas.

Contudo apesar dessa correlação de força desigual e desumana nosso povo tem se mostrado forte e resiliente. Podemos ainda dizer que apesar de toda destruição imposta pelos colonizadores europeus e seus descendentes que roubam a consciência dessa nação, o nosso povo tem se mantido de pé e pronto para a luta, buscando sobreviver a todos estes ataques a vida e à natureza.

Nesta mesma direção, Santos e Saraiva (2020, p. 2) dizem que “não estamos sendo vítimas apenas de um vírus, somos vítimas das nossas escolhas, da nossa indiferença ou da nossa inércia. Estamos vivendo mais uma crise de muitas que já existiram e que ainda virão”. Vivemos assim, num mundo em crise no qual as crianças estão envolvidas e junto com eles podemos aprender a identificar este fato como uma oportunidade para subverter essa lógica cruel imposta pelo ocidente e criar coletivamente outras possibilidades de (re)existências. Digo isto porque, na perspectiva do meu povo Pataxó, as crianças têm muito a nos ensinar, principalmente no que se diz respeito a resiliência. Nosso povo por séculos e séculos tem sido resiliente e tem mostrando para essa sociedade que se diz humana mas, que está mais

para uma sociedade desumana e desconectada dos seres da natureza que, nossa força de existência e resistência vai além das forças que eles tem condições de enxergar, pois, não vivemos uma vida sozinhos, nós vivemos a vida daqueles que já foram, que não estão mais em vida entre nós, daqueles que haverão de vir e de aqueles que já estão entre nós, principalmente as crianças que são as mudas plantadas que darão os próximos frutos. É preciso continuar lutando pelo direito a terra, e esta luta também é a luta contra o apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade que são a marca mais profunda do Antropoceno (KRENAK, 2019).

Quando pensamos na infância na cultura Pataxó, entendemos as crianças como sujeitos sociais e culturais que produzem seus próprios pensamentos com base nas crenças que se mobilizam na cultura de nosso povo. As crianças Pataxó tem vivenciado junto com adultos a vida em pandemia, os efeitos e as mudanças na vida, nesse sentido acreditamos que é importante compreender como as crianças vivenciaram e experimentaram a vida durante a pandemia e as aprendizagens que eles e elas tiveram durante este tempo, em especial no que refere a educação tradicional, a educação que nasce das práticas socioculturais próprias. Como já apontavam Santos e Saraiva (2020, p. 3),

As crianças são sujeitos sociais e culturais que agem, reagem e sofrem os impactos da realidade social. A partir da sua realidade e das relações estabelecidas com adultos/as e outras crianças, produzem cultura e interpretam os acontecimentos. Sendo assim, torna-se importante entender como as crianças estão experienciando e elaborando esse processo de isolamento social.

Contudo, é preciso entender como as crianças têm vivido estes tempos e a partir de suas vivencias identificar os saberes construídos por elas junto a seus familiares em suas residências e nos diversos espaços de convívio familiar, pois estes são os ambientes vivenciados por elas nestes tempos de pandemia já a escola fechou as suas portas.

Vale a pena notar que esta pesquisa se conecta com outras que foram desenvolvidas durante estes dois anos, nas quais as crianças indígenas foram

colocadas como sujeitos produtores de saber e resiliência, por exemplo, a pesquisa de Noal e Silva (2020, p.1), na qual se partiu do “pressuposto de que há tempos, espaços e sabedorias ancestrais, presentes no cotidiano das aldeias, que trazem questionamentos e jeitos outros de viver essa inquietante e exigente experiência. Há riscos. Há ensinamentos”.

Com isto, acreditamos que pensar a infância indígena Pataxó vinculada com a educação, nos permite elucidar sobre como em tempos de pandemia o ser criança se constituiu no processo de aprendizagem de saberes e práticas Pataxó ao se experimentar uma vida outra na aldeia Águas Belas no sul da Bahia (Brasil) no encontro com saberes outros, matemáticas outras, que não necessariamente se manifestam no ensino escolar. Isto porque, durante a pandemia as comunidades indígenas vivenciaram mudanças muito grandes e as crianças viveram e vivem esses momentos junto com seus parentes.

A pandemia evidenciou, com maior concretude, a ausência de atendimento aos direitos cidadãos. Experiências, conhecimentos e sabedorias foram enterrados junto com os corpos. Resiliência e esperanças defenderam vidas e preconizaram a continuidade do estradar indígena. Com tantas desigualdades sociais e econômicas, os cuidados preventivos tornam-se praticamente impossíveis para parte da classe trabalhadora, incluindo as comunidades indígenas. (NOAL, SILVA 2020, p.2).

O tempo e o espaço vivenciados já não são mais os mesmos, pois, tudo parou e ao mesmo tempo tudo ficou corrido. A escola fechou na nossa aldeia e a vida das crianças também mudou com este fato. Nesta direção as crianças nos disseram que:

“A pandemia trouxe algumas mudanças, não podia fazer o que a gente fazia antes como abraçar pegar nas mãos dos amigos isso que mudou na minha vida...A pandemia trouxe para a vida da Aldeia várias mudanças fecharam as escolas fechadas e todo mundo dentro de suas casas...Com a pandemia trouxe mudança para minha família eu não podia sair de casa para estudar e minha

família também não podia sair de casa”. (Laura Oliveira Silva, 2022).

“A pandemia trouxe mudança para minha família nós não podia trabalhar não podia sair de dentro de casa e nem estudar, fechou escola, fechou a estrada fechou as portas e todo mundo ficou na sua casa”. (Gabriel Oliveira Silva, 2022).

“A pandemia nos trouxe mudanças pois nos fez refletir sobre novas formas de estudar, trabalhar e divertir”. (Lucca Lopes, 2022).

“A pandemia trouxe algumas mudanças de na minha vida como as aulas que foram suspensas por tempo indeterminado” (Patiburi Braz, 2022).

“as mudanças foi que teve que parar com tudo aquilo que tinha aglomeração, por exemplo, a festa para o que é costume de todo o ano mais por causa da pandemia não teve”. (Kaine Braz, 2022).

“as mudanças foi fechamento das estradas, com a estrada da aldeia fechada e a escola também minha tia ficou sem vender salgado e os tipos de coisas”. (Jaine Silva, 2022).

A educação escolarizada parou como as crianças nos disseram nestes relatos, mas a educação tradicional em contramão, não parou, as famílias e a comunidade continuaram desenvolvendo a educação tradicional Pataxó, de modo que as crianças passaram de viver tempos cronometrados divididos em disciplinas escolares pelos currículos, a viver esses outros tempos, os tempos da educação tradicional, os tempos das práticas socioculturais em tempos de

pandemia. Considerando tudo isto, algumas perguntas surgiram: Como esse momento foi sendo vivenciado pela comunidade indígena da Aldeia Águas Belas? O cotidiano das crianças da aldeia mudou? O que as crianças fizeram do durante esse tempo de pandemia em que a escola ficou fechada? O que as crianças estavam aprendendo? Como estavam aprendendo? Como foram reinventados os modos de vida Pataxó de Águas Belas em tempos de isolamento social?

Para responder a estas perguntas esta pesquisa buscou registrar a voz e as experiências vividas pelas crianças Pataxó da Aldeia Águas belas do Sul da Bahia partindo da ideia de que há tempos, espaços e sabedorias, presentes no cotidiano familiar da aldeia que foram vivenciadas durante o tempo em que a escola da aldeia esteve fechada e que, possibilitaram aprendizagens da educação tradicional dando conta de outros jeitos de viver e, assim como, se reinventar nestes tempos, pois,

Nesse momento, em meio ao caos estabelecido, há saberes indígenas ancestrais, construídos ao longo de séculos, em harmonia com a natureza, que trazem maneiras outras de viver, de se relacionar, de se cuidar, de se curar coletivamente. Há cosmovisões que gestam unicidade no viver cotidiano e que nos conduzem ao pressuposto de que há tempos, espaços e sabedorias que trazem questionamentos e jeitos outros de viver essa inquietante e exigente pandemia. Há riscos. Há perdas. Há ensinamentos. (NOAL, SILVA 2020, p.4).

Além do mais, entendemos que há aprendizagens no cotidiano indígena como sempre teve, apesar desses conhecimentos terem sido negados e silenciados por séculos, apesar de que esses conhecimentos se apresentam de um modo muito peculiar nas escolas indígenas, nesse sentido é preciso não só reconhecer as sabedorias indígenas que estão ao dispor da humanidade, mas também, lutar contra a sua invisibilização, pois elas são necessárias para o mundo, considerando que,

Ao olhar para esses contraditórios cenários que, em suas aparentes fragilidades, carregam a sabedoria e a coragem de quem sobreviveu aos mais perversos e violentos ataques dos processos colonizadores. Os saberes ancestrais estão sendo acionados? (NOAL, SILVA 2020, p. 4).

Como sempre e muito mais que antes, nossos saberes tradicionais são acionados pois os conhecimentos e estudos dos não indígenas não conseguiam trazer soluções para essas situações, por exemplo, em nossas comunidades indígenas conseguimos minimizar a ação desse vírus que nos trouxe tanto terror seguindo nossos conhecimentos. Em meio a essas situações nosso povo buscava em suas experiências soluções para as dificuldades apresentadas, por isso faz se necessário “reconhecemos uma tradição histórica que foi passando de geração a geração, pelos fazeres das experiências e pela oralidade, mas com a compreensão de que há intervenções e influências da ‘sociedade culturalmente predominante’” (NOAL, 2006, p.6).

Neste pensar foram realizadas pesquisas com alguns familiares próximos por conta da situação pandêmica que vivenciávamos, mas também com familiares mais distantes de nosso *Kijeme* (casa), mas tomando todos os cuidados sanitários que a situação demandava. No momento inicial consideramos algumas perguntas como elementos detonadores para conversar com os parentes, tanto com as crianças quando com seus pais:

1. O que a família entende por pandemia?
2. A pandemia trouxe alguma mudança para a sua vida?
3. Quais mudanças a pandemia trouxe no dia a dia da aldeia?
4. Estão sentindo falta da escola? Por quê?
5. O fechamento da escola das escolas traz prejuízos para você e sua família?
6. Quais as dificuldades enfrentadas pela família durante a pandemia?
7. O que as crianças têm aprendido durante estes tempos de pandemia do COVID19?
8. Quais praticas “atividades” foram e estão sendo realizada durante esse período de pandemia?
9. Por que essas práticas são importantes para o povo Pataxó?

Com estas perguntas procurávamos responder as perguntas principais desta pesquisa: *Como as crianças indígenas Pataxó da Aldeia Águas Belas se relacionaram com a educação tradicional desenvolvida em tempos de pandemia?*

Nesta direção cabe ressaltar que consideramos que há diferenças nos modos de compreender a educação entre a minha aldeia e outras comunidades não indígenas, tanto no que se refere a aspectos internos quanto externos, embora existam alguns traços que nos identificam como parte de um coletivo humano, e de fato, crianças em todo o território brasileiro e no mundo “no contexto de emergência social e sanitária foram orientadas a ficarem em casa num contexto de submissão e, quase sempre, tiveram desconsiderados os seus pontos de vista”. (SILVA, LUZ & CARVALHO 2020, p. 12), porém na nossa comunidade indígena Pataxó da Aldeia Águas Belas as crianças tiveram sua vida mudada sim, mas de modo que não perderam sua liberdade pois, os quintais de nossas casas são de certo modo um espaço em que as crianças não perdem sua liberdade de brincar, crescer e viver, de aprender e de ser educadas com base na cultura Pataxó.

A situação da pandemia alterou nossas organizações, alterou o processo de educação escolar indígena, também mexeu nas nossas dinâmicas familiares e no modo de viver das crianças, mas não alterou o processo de educação indígena familiar neste sentido é importante dizer que,

As crianças não são seres em transição ou em preparação, mas que elas são seres completos que desempenham, nas suas condições de desenvolvimento, ações singulares de uma agência social que precisam ser compreendidas e interpretadas. [...] A partir delas próprias, das suas culturas, das suas formas de se relacionar com o mundo e com o outro. (SILVA, LUZ & CARVALHO, 2020 p. 12).

As crianças deixaram de ir para a escola, mas não deixaram de aprender. Partindo desta concepção, buscamos neste trabalho ouvir as famílias, mas principalmente as crianças Pataxó da Aldeia de Águas Belas sobre seus pontos de vista em relação as suas vivencias durante a pandemia,

e assim, identificar modos de se praticar e aprender (matemáticas) próprios de nosso povo. Tentamos entender se de fato a suspensão das atividades escolares trouxe uma queda importante na qualidade de vida das crianças, e prejuízo na dimensão cultural, na alimentação e na segurança física e emocional das crianças.

Na construção desta pesquisa tive acesso a diversas investigações que narravam experiências da vida das crianças durante a pandemia buscando entender como as crianças percebem e vivem estes tempos, algumas delas são:

- *Infância e pandemia na Região Metropolitana de Belo Horizonte*; (SILVA, DA LUZ & CARVALHO, 2020)
- *Crianças Pequenas Terena: Reencontros Ancestrais Em Tempos De Pandemia*; (NOAL, SILVA, 2020)
- *O Ano Que Não Tem Fim: As Crianças E Suas Infâncias Em Tempos De Pandemia*; (SANTOS, SARAIVA, 2020)
- *A Infância Das Crianças Pataxó: Observações Sobre A Vida Das Crianças Na Aldeia Corumbauzinho (Ba)*; (FERREIRA, SANTOS, 2021)
- *Memórias em tempos de pandemia na Aldeia Pataxó Sede em Carmésia (MG)*; (SANTOS, 2021)
- *Retratos Da Pandemia No Bairro Da Levada: Infância E Crise Em Um “Bairro De Periferia”*. (SANTOS, 2020)
- *Desaprender A Cada Tempo Em Tempos Pandêmicos: Crianças, Artes E Outros Contágios*. (LEITE, CAMARGO, 2020)

Com a leitura dessas pesquisas apresentadas pude aprender outras formas de pesquisar por conta da situação pandêmica que vivíamos e que as pessoas em vários lugares do país e do mundo começaram a refletir como as crianças vivenciavam esse período pandêmico. E acima de tudo destacar como as crianças perceberam nesse período.

As pesquisas mostram a infância neste período de pandemia buscando dar voz as crianças de diversos lugares do mundo escutando o que as crianças pensam sobre essa situação que viveram, como no caso da pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Infância e Educação Infantil da FaE (UFMG) na qual de certa forma se denuncia que as crianças foram de certa forma excluídas, pois além de terem sido submetidas a situações de isolamento elas não foram questionadas sobre o que elas pensam sobre essa situação que viviam, sem falar que não havia nem um projeto de política de assistência às crianças neste período.

Os três primeiros trabalhos foram publicados num dossiê que tem como eixo de discussão as crianças e sua infância em tempo de pandemia. Os trabalhos publicados relatam como as crianças viveram nesses períodos, trazem questões relacionadas a forma como as crianças foram deixadas de certa forma sem proteção e sem uma assistência psicológica.

Uma pesquisa deste dossiê que considero ter muito a ver com meu tema de pesquisa é a que se intitula "*Crianças Pequenas Terena: Reencontros Ancestrais em Tempos de Pandemia*" (NOAL, SILVA, 2020). A pesquisa fala sobre como as crianças terena foram vivenciando a educação escolar nesse período, mas algo que acho diferencial que assim com a minha pesquisa ela trata também sobre a educação familiar e a educação cultural que é algo diferente que eu vejo dos outros trabalhos, porque em várias pesquisas que fiz na internet além destas citadas, pude observar que a maioria das pesquisas falava sobre ensino remoto, mas não falava sobre a infância e educação e como as crianças aprendem ou aprenderam nesse período ou que aprendizagem essas crianças poderiam construir.

Isso nos leva refletir que quando se fala em conhecimento e em educação a todo tempo se trata apenas do conhecimento escolar, não se fala das diversas possibilidades de aprendizagens como os conhecimentos comunitários, familiar e outros conhecimentos que também são importantes para a vivência das crianças. São das vivências durante a infância e dos vários saberes que elas vão adquirindo com o tempo que as crianças vão construindo

conhecimento que são importantes para a vida. Essas pesquisas nos fazem refletir muito sobre isso.

Dos percursos do FIEI como o percurso de Samara Santos e Reginaldo Ferreira que fala sobre “*A infância da criança Pataxó: observações sobre as vidas das crianças na aldeia Corumbauzinho*” é um tema que traz grandes pontos para meu foco de pesquisa me mostrando como é a vida das Crianças na aldeia de Corumbauzinho.

Neste caso, meu trabalho enfatiza a infância e a vivência no período de pandemia considerando que a escola foi fechada e as crianças passaram a permanecer imersas na cultura, imersas na aldeia e na vida Pataxó.

O percurso de Larica Silva defendido no FIEI que fala sobre as “*Memórias em tempos de pandemia na Aldeia Pataxó Sede em Carmésia (MG)*” nos traz informações das memórias vivenciadas pela autora, sua família e vários membros da comunidade nesse período de pandemia, não trata diretamente da infância, mas tem momentos em que ela cita vivências das crianças em sua comunidade.

Então todos esses trabalhos nos levaram a refletir como as crianças vivenciaram esse período pandêmico e de que forma elas construíram saberes e conhecimentos que são capazes de dar fundamentos para a sua vivência e existência, conhecimentos que são passados de geração a geração por séculos e séculos.

Capítulo 2

QUEM SOU? DE ONDE EU VENHO? PARA ONDE EU VOU COM ESTA PESQUISA?

Sou Uilian Conceição de Souza Rodrigues nasci no dia 13 de março de 1983. Sou indígena da etnia Pataxó, moro na aldeia Águas Belas no município de Prado na Bahia. A aldeia Águas Belas se formou logo após o fogo de 51, massacre ocorrido na aldeia mãe Barra Velha, município de Porto Seguro no ano de 1951, o que provocou a dispersão indígena naquela região. Foi quando seu Justino Braz e dona Maria Emília fugindo do massacre foram morar em um lugar chamado de Craveira com seus 14 filhos e em 1953 os “Emílias” como era conhecida essa família, mudaram-se para outra localidade situada entre as belas águas dos rios Jibura, ao norte e Jiburinha ao sul. Essa localidade ficou conhecida como os Emílias, vindo a se chamar Águas Belas (Ver figura 1) após reconhecimento pela FUNAI de que os “Emílias” eram índios que viviam isolados sobrevivendo exclusivamente da caça, da pesca e do artesanato.

Figura 1. Território demarcado de Águas Belas.

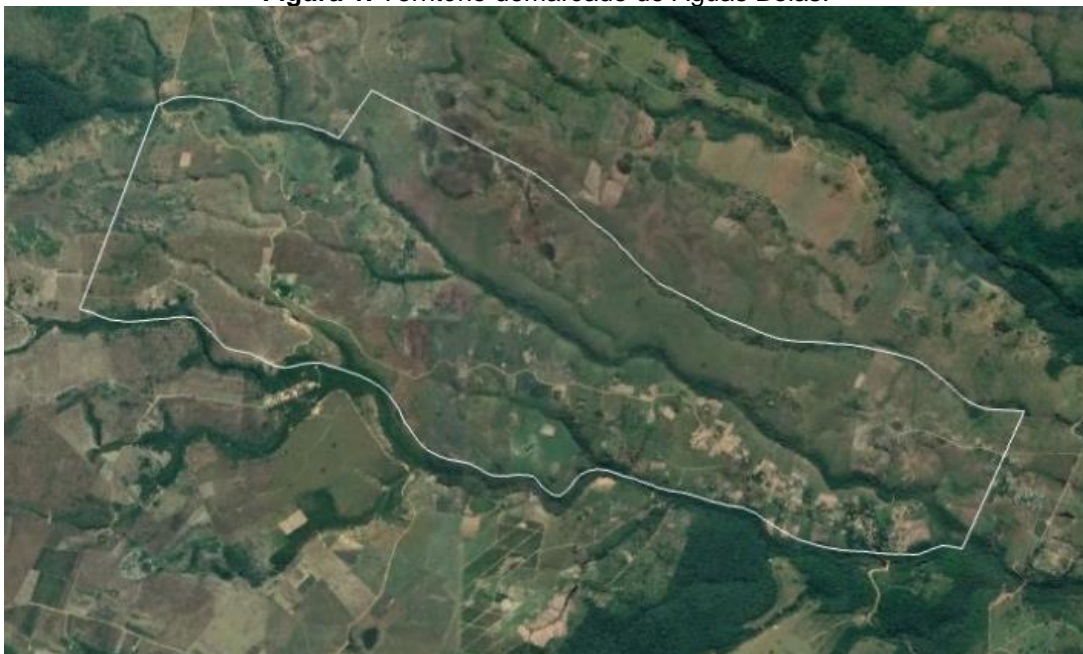
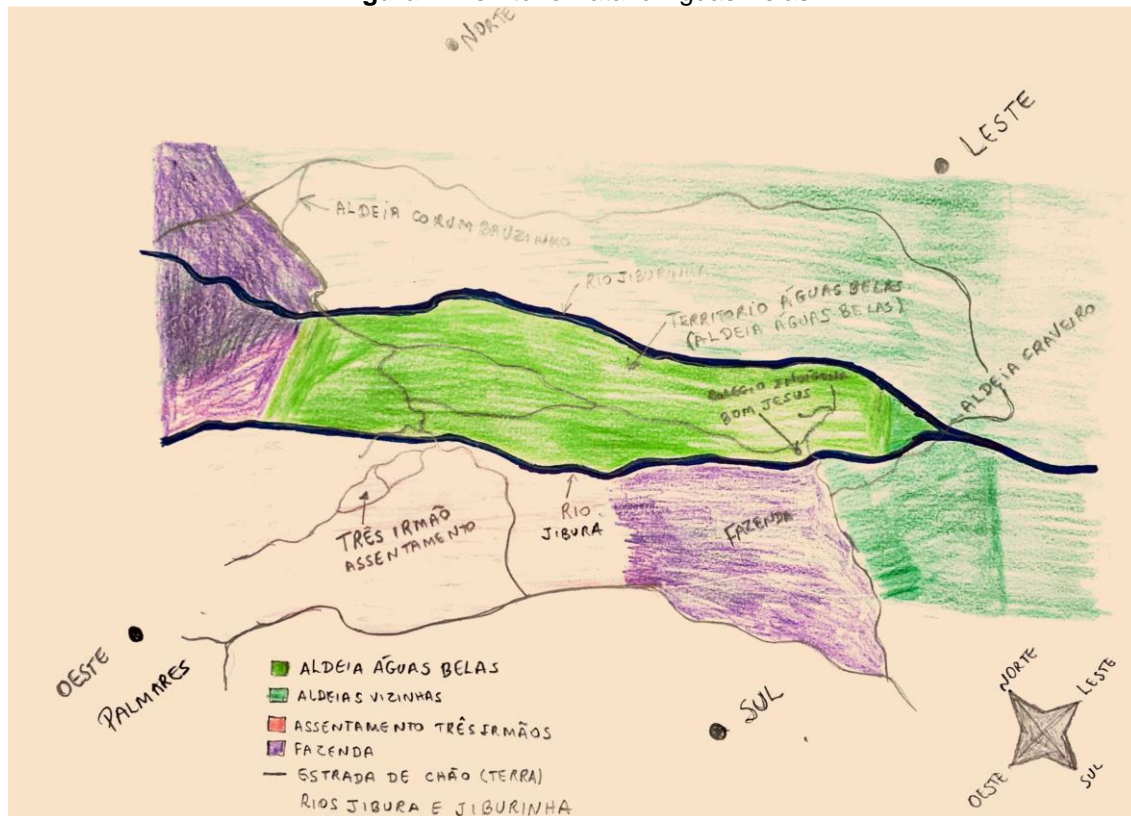


Foto satélital do *googlemaps* demarcação do território elaboração própria

A seguir um mapa elaborado por mim localizando a aldeia de Águas Belas no sul da Bahia assim como outras aldeias Pataxó (Veja figura 2):

Figura 2. Território Pataxó Águas Belas



Fonte: elaboração própria

Sou filho de Maria José Conceição de Souza e Cloves da Conceição Rodrigues. Meus avós maternos são Manoel Alves de Souza e Maria Paula da Conceição e meus avós paternos são João José Rodrigues e Simforoza da Conceição Rodrigues, ambos indígenas da Pataxó nascidos na Barra do Cay na região de Cumuruxatiba no município de Prado na Bahia.

A família por parte de mãe não é indígena ou pelo menos não são reconhecidos. Já minha família por parte de pai é toda indígena que viveram sempre as margens do rio Cahy entre o Imbaçuaba e a Barra do Cahy, meus bisavós paternos são Maria Antônia e Zé Lioncio.

Comecei meus estudos no ano de 1988 num lugarejo chamado Cumuruxatiba nessa época morávamos em um lugar que fica próximo a este lugarejo, na Japára, nesse período íamos andando até Cumuruxatiba para

estudar, pois não tinha escola por perto. Foram períodos muito difícil pois não tínhamos boas condições, vivíamos com o que tínhamos da roça e as criações.

Por conta de várias dificuldades inclusive a distância da escola, minha mãe voltou para o Guarany onde continuei a estudar, logo ao aprender calcular comecei a ajudar minha mãe vendendo geladina na rua para colaborar com dinheiro para o sustento da família. Eu acabei crescendo com minha família neste lugarejo chamado Guarany, passamos por muitas dificuldades pois minha mãe sozinha tinha que criar minhas duas irmãs e eu. Apesar de estar em Guarany ia todos os finais de ano para a vila de Cumuruxatiba. Lembro-me ainda quando era festa de São Sebastião todos nós pequenos junto com os netos de dona Luciana (Zabelê), íamos trajados para a igreja (Ver figura 3) e depois acompanhávamos o festejo levando o mastro de São Sebastião pela vila, era uma alegria só.

Figura 3. Uilian Pataxó com 11 anos de idade



Fonte: própria

Estudei com vários professores, a primeira foi Rosália aprendi muito, mas quando comecei a estudar já sabia algumas coisas pois minha irmã já me ensinava em casa, pois brincávamos de escola em casa e eu ia vendo os deveres de casa dela e eu já ia aprendendo um pouco. Inclusive essa minha irmã também é professora.

Eu fui aluno da professora Rosália dois anos, a alfabetização e a primeira série, gostava muito de estudar mais a hora do recreio era complicada pois os alunos mais velhos batiam nos menores e eu além de pequeno era magrelo, mas quando tinha merenda era só alegria, durante os primeiros anos de aulas cantávamos quando entrávamos na escola antes do recreio e quando ia sair. Estudei a segunda série com professor Arivaldo quer tinha o apelido engraçado pois o pessoal o chamava de “Dinamite”. Foi também neste período que eu comecei a vender geladina na rua para ajudar minha mãe com as despesas de casa, como estudava pela manhã a tarde eu ia vender geladina. Era muito complicado pelo fato de ter pessoas de má índole que me roubava e algumas vezes até me batia. Com tudo fomos avançando e a vida seguiu.

A terceira e quarta série estudei com a professora Maura, gostei muito desse período, lembro que aprendi a dividir e a multiplicar, só tirava 10 em matemática, eu era fera. No ginásio tínhamos vários professores, Edithe, Mundinho, Lalá, Adenilza, Arivaldo, e tantos outros, terminei em 1998, o ginásio como era conhecido o ensino fundamental II. Também um momento turbulento pois tinha que trabalhar nas roças de café e mamão e ao mesmo tempo estudar, eu tinha algumas dificuldades, mas procurei sempre dar meu melhor nos estudos até concluir esta etapa. Sempre trabalhei desde pequeno, mas nunca deixei de estudar, minha mãe nunca permitiu que nem eu nem minhas irmãs parássemos os estudos, por isso ela sempre trabalhou e sempre permitiu que eu trabalhasse, mas se não atrapalhasse meus estudos.

Fiz o magistério na modalidade não indígena no Guarany na cidade de Prado na Bahia concluído no ano de 2001, pois na época não tinha outra escolha, mas, depois que comecei a estagiar vi que essa era a minha vocação, pois já havia enraizado em minha pele esse chamado à educação, pois eu nem

me imaginava como professor, mas ainda assim já vinha tendo essa sensação ao brincar de ser professor com minhas primas e primos ainda pequenos. Terminei o magistério no ano de 2001 e no mesmo ano fui morar na Aldeia Corumbalzinho localizada na região do Corumbau município de Prado-Ba próximo a aldeia onde moro hoje. Em 2002 comecei minhas atividades como professor na Aldeia Corumbalzinho com uma turma multisseriada de alfabetização a segunda série. Este período da minha vida foi quando as coisas começaram a melhorar para mim e para a minha família, pois minha mãe, minha irmã e eu trabalhávamos muito e como professor, o salário deu uma melhorada e por isso as coisas ficaram menos apertadas, pois apesar de eu trabalhar muito antes, faltava muita coisa para a nossa família, pois o salário era pouco e por isso chegamos a passar necessidade, mas com muita luta e esforço as coisas melhoraram.

Em 2003 além de lecionar na aldeia fui convidado a lecionar numa escola do assentamento, onde comecei a trabalhar em horário oposto. Dava aula de manhã na aldeia e a tarde no assentamento, andava sete quilômetros todos os dias para ir até o Assentamento Três Irmãos, o assentamento fica próximo da aldeia Corumbalzinho e da Aldeia Águas Belas. No primeiro ano eu ia a pé, mas no ano seguinte comprei uma bicicleta, então melhorou um pouco mais, mas ainda assim era dificultoso, pois quando não era o sol escaldante eram as chuvas, eu já andava com o material de trabalho e outra muda de roupa dentro de uma sacola e a sacola na bolsa.

No ano de 2004 a Aldeia Águas Belas recebeu de um empresário da região de Corumbau chamado Raimundo Saboia a construção de um prédio com seis salas, cantina e secretaria, no ano de 2005 as escolas indígenas da Bahia passaram a ser estadualizada e na Aldeia Águas Belas resolveram também iniciar o ensino fundamental II, pois antes a escola só atendia alunos até a quarta série, os alunos que estudavam o ensino fundamental II antes iam estudar na escola do Assentamento Três Irmãos, na verdade todas as aldeias circunvizinhas iam estudar no assentamento, mas com essa iniciativa da aldeia Águas Belas os alunos das outras aldeias passaram estudar em Águas Belas.

Por iniciativa do cacique João Braz, fui convidado a lecionar na Aldeia Águas Belas, pois com o início do fundamental II a escola precisaria de mais professores e com experiência nessas turmas que ia se formar.

Após conseguirmos regularizar frente ao estado a nova modalidade de ensino em nossa aldeia, começamos então a luta pelo ensino médio, novamente outra luta. Uma luta contra o estado que dizia ser impossível, pois já havia no assentamento o ensino médio e que os alunos poderiam estudar lá, mas nós não queríamos, pois víamos a dificuldades de nossos jovens para estudar em uma escola que não trabalha sua realidade.

Em 2009 conseguimos a autorização através do estado da Bahia para ofertar esse modelo de ensino em nossa Escola Estadual Indígena Bom Jesus. Esta foi uma conquista muito importante para nossa comunidade. Hoje já temos mais de 60 alunos formados na escola. Sem falar que recebe alunos de várias aldeias próximas, recebemos alunos também do Corumbau e de famílias que moram próximo a aldeia.

Desde 2005 moro na aldeia Águas Belas e leciono no Colégio Estadual Indígena Bom Jesus que atende alunos do pré-escolar ao ensino médio. Fiz algumas formações continuadas ofertada pelo governo do estado que contribuiu muito para minha formação como professor indígena formações realizadas nas cidades de Eunapolis-Ba, em Porto Seguro -BA-, Teixeira de Freitas -BA- e Salvador -BA-.

Em 2012 me casei com Franciane Conceição de Jesus ela que tem sido uma grande companheira e amiga, é ela que tem me animado e me dado apoio a todos os momentos quando penso em desistir e olha que não foram poucos os momentos, ela que também é estudante do FIEI, que tem passado os mesmos problemas e dificuldades, mas que não nos deixa desanimar.

Em maio de 2014 tivemos uma filha Alicia, mais um grande presente em minha vida além dela tenho um filho chamado Arthur que mora com a mãe dele em Coroa Vermelha. Estou hoje muito feliz e satisfeito pela família que tenho e luto para dar o melhor para cada uma pessoa de nossa família.

A Formação Intercultural para Educadores Indígenas-FIEI aparece para nós da comunidade de Águas Belas através de professores da Aldeia Mãe Barra Velha que trabalhavam conosco em nossa escola, Jessiá, Charles e principalmente meu grande irmão Iraty. Eles nos informaram sobre esse curso fornecido pela UFMG, que era apenas para indígenas aldeados, me interessei, pois sabemos que nos professores temos sempre que buscar nos capacitar para estarmos melhorando o nosso trabalho e nossos métodos. Iraty foi um dos responsáveis por nos orientar sobre como poderia ser feito o ingresso à universidade e quando abriu o edital.

Fizemos a prova e eu fui aprovado, minha jokana (esposa) também, ficamos muito felizes, pois estávamos tendo a oportunidade de continuar estudos e aprender um pouco mais para assim poder ajudar a melhorar a educação escolar indígena e a qualidade de vida de minha comunidade através de projetos que possam atender as necessidades societárias da aldeia. Mas fiquei triste porque Iraty que tanto nos estimulou não conseguiu ser aprovado naquele momento, mas hoje ele também é estudante do FIEI na habilitação de Línguas Artes e Literatura e isso me deixa muito alegre.

Estudando no FIEI pude aprender um pouco mais e busco como sempre com o que aprendo ajudar a minha comunidade, hoje em nossa comunidade temos duas associações e isso traz novas possibilidades de desenvolvimento para as famílias de nossa comunidade, atuando como professor busco incentivar os alunos a estarem ingressando nas universidades pois este espaço também é nosso e precisa ser ocupado por nós. Hoje em nossa escola temos 3 professores licenciados e 7 estudantes de licenciatura e acho que isso é resultado dos trabalhos realizados por estudantes que já estão na Universidade e influenciam outros a fazer retomadas em outros ambientes. Principalmente nas universidades que é lugar de múltiplas culturas e identidade, lugar onde se constrói e reconstrói conhecimento, onde o conhecimento dialoga e é preciso fazer dialogar. Com isso estamos reconstruindo a história, desconstruindo estereótipos e destruindo preconceitos.

Meu trabalho de pesquisa fala desse período pandêmico que vivenciamos durante os anos de 2020, 2021 e 2022, onde uma boa parte da vida das pessoas do mundo mudaram inclusive as crianças, como as escolas fecharam a educação escolar de certa forma para de funcionar, mas a Educação Indígena Pataxó da Aldeia Águas Belas se manifesta diferentemente da educação escolar, pois, as crianças continuaram aprendendo, então foquei em observar e entender como as crianças de nossa comunidade estavam vivenciando esses momentos e que saberes elas construíram nesse período de pandemia. Em busca de saberes outros, matemáticas outras.

Capítulo 3

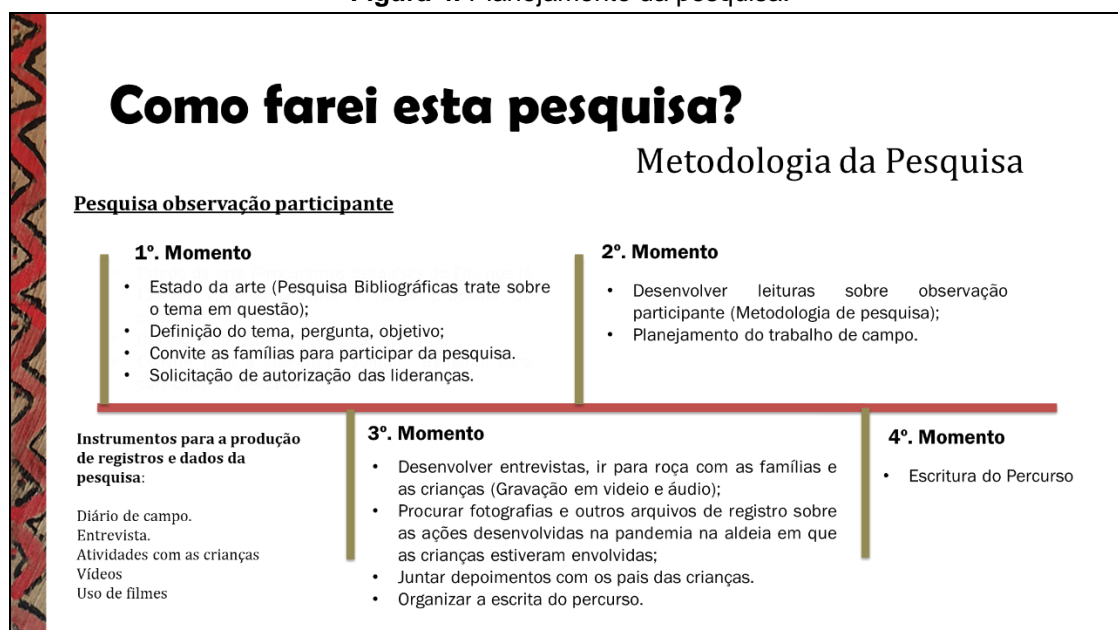
COMO FOI CONSTRUÍDO O TRAJETO DESTA PESQUISA?

Durante minha experiência como professor tive a oportunidade de dar aula para crianças, e no desenvolvimento das disciplinas e ações do FIEI eu me senti muito interessado pelo desenvolvimento de uma pesquisa de conclusão de curso que tivesse a infância Pataxó como seu eixo articulador e de reflexão. Com o fechamento da Universidade Federal de Minas Geais e do Colégio Estadual Indígena Bom Jesus da Aldeia de Águas Belas devido a pandemia decretada pela Organização Mundial da Saúde pela disseminação do vírus COVID 19, eu percebi que não só tinha mudado a vida dos idosos e adultos na nossa aldeia, se não também a vida as nossas crianças Pataxó. Esta mudança tem a ver com o fato da escola, que promove um modelo de educação escolar indígena, ter fechado suas portas e muitos professores terem sido dispensados dos seus cargos, além das crianças passarem a permanecer mais tempo com suas famílias, a educação tradicional assumiu um papel fundamental no processo de desenvolvimento das crianças.

Então, num primeiro momento defini o tema da pesquisa, tive vários diálogos com a minha orientadora Carolina Tamayo, a gente teve como estratégia a organização de um quadro da pesquisa, nele eu registrava a cada semana ideias de tema, pergunta e objetivos da pesquisa, isto foi feito ao mesmo tempo que eu fazia algumas leituras sobre “infância e pandemia”, de modo que eu fui conseguindo articular melhor a pesquisa, para saber para onde eu estaria caminhando. No início foi outro tema, mas com o andar das caminhadas e diálogos observamos que pela realidade daquele momento era urgente seguir outros caminhos para relatar e registrar a vida na aldeia Pataxó de Águas Belas.

Junto com a minha orientadora nos organizamos da seguinte forma (Ver figura 4) para desenvolver as atividades da pesquisa, sabendo que, tudo poderia ser adaptado segundo as circunstâncias nas quais nosso território se encontrava:

Figura 4. Planejamento da pesquisa.



Fonte: elaboração própria.

Quando pensamos neste planejamento sabíamos que teríamos alguns desafios, porém acreditamos na importância de fazer registro das histórias das crianças Pataxó na vida em meio a pandemia:

- Pensar a concepção de infância na perspectiva do povo Pataxó;
- Analisar como a educação indígena se fortaleceu em tempos de pandemia em contramão da educação escolar indígena;
- Como a educação escolar indígena Pataxó se apresenta em tempos de pandemia;
- Como a educação indígena nas práticas culturais do dia a dia está apresentada;
- Que matemáticas Pataxó são essas que estão sendo aprendidas pelas crianças ao estarem participando com maior ênfase na educação indígena Pataxó que se baseia nas suas práticas culturais do dia a dia.

Durante o primeiro e segundo semestre de 2021, eu comecei a elaborar um Estado da arte, buscando pesquisa que tratassem sobre o tema em

questão, para conhecer das realidades de outras crianças vivendo no meio da pandemia e aprender destas experiências, eu queria saber se já havia pessoas interessadas neste tema, eu fiz várias leituras de artigos, resumos e fichamentos dos textos encontrados para me auxiliarem a ver melhor alguns aspectos que poderiam se escapar nas minhas observações.

No processo, eu percebi que era importante contar as experiências e aprendizagens das crianças Pataxó da Aldeia de Águas Belas, pois se as crianças não estavam nas instituições indígenas de educação infantil, onde estavam? Com quem? O que estavam fazendo? Como estavam brincando? Como estavam reinventando os modos de vida em tempos de isolamento social? Este projeto representa a tentativa de conhecer um pouco como as crianças Pataxó da minha aldeia estavam vivendo as suas infâncias em tempos de pandemia. E, pensando nisto eu fiz um convite as famílias para participar da pesquisa, mas como a pandemia estava em seu ápice e isto representava um risco tanto para as famílias como para minha pessoa, eu busquei realizar as atividades com familiares mais próximos, para assim não correr risco de propagar o COVID 19 pela minha aldeia, de espalhar o vírus aos membros da comunidade.

Eu, também dialoguei com as lideranças solicitando sua autorização e explicando o que iria ser realizado, tendo o aval deles eu continuei caminhando e desenvolvendo o trabalho e pesquisa, fiz resumos e fichamentos dos artigos indicados pela orientadora e textos que eu mesmo pesquisei, além do mais eu li outros percursos de estudantes do FIEI que falavam sobre infância como o trabalho de Samara da Silva Santos Ferreira e Reginaldo da Silva Santos que tem como tema “*A INFÂNCIA DAS CRIANÇAS PATAXÓ: OBSERVAÇÕES SOBRE A VIDA DAS CRIANÇAS NA ALDEIA CORUMBAUZINHO (BA)*” e também de Larica Silva dos Santos que tratava sobre a pandemia com o tema “*MEMORIAS EM TEMPO DE PANDEMIA NA ALDEIA SEDE CARMESIA (MG)*”.

Fiz o planejamento do trabalho de campo no qual incluía Instrumentos para a produção de registros e dados da pesquisa como: Diário de campo,

entrevistas, atividades com as crianças, vídeos e uso de filmes e *lives* como ferramentas de referência.

Apesar de todas as dificuldades por conta da pandemia foram desenvolvidas algumas pesquisas tomando todos os cuidados indicados como o uso de máscara. Busquei acompanhar algumas atividades na roça com as famílias e as crianças, dentre elas a farinheira, a colheita de frutas, as mobilizações, a pescaria e outras.

Além do mais eu fiz uma procura por fotografias e outros arquivos de registro sobre as ações desenvolvidas na pandemia na aldeia em que as crianças estiveram envolvidas; assim como, registrei os depoimentos dos pais das crianças sobre as diversas práticas desenvolvidas pela família. E a partir dos dados coletados busquei organizar a escrita do percurso.

Para coletar os dados da pesquisa eu fiz algumas entrevistas sobre o que as crianças estavam fazendo durante esses períodos de pandemia, com que elas estavam se ocupando no seu dia a dia, assim eu fui coletando informações para a produção da pesquisa. Além das entrevistas com alguns pais e com alguns adolescentes e crianças acompanhei também eles nas atividades do dia a dia, ou seja, nos momentos em que eles estavam envolvidos nas práticas socioculturais Pataxó como, por exemplo, acompanhei algumas crianças e seus pais sua família na roça plantando e colhendo milho.

Além da colheita do milho a companhia também algumas atividades em que as crianças estavam com seus familiares na farinheira raspando mandioca, ajudando a peneirar a massa para torrar a farinha, assim como nos momentos em que as crianças estavam tirando a goma para fazer o Beiju. Outra atividade em que as crianças estiveram envolvidas durante a pandemia foi no fechamento de pista, na pescaria e na construção do bote.

Na Maioria dessas atividades eu participei junto com as famílias tanto plantando quanto raspando mandioca no movimento onde também estava presente por ser indígena, isso fazer parte da nossa formação enquanto membros da nossa comunidade, e faz parte do pesquisar indígena, isto é

participar, aprender, fazer e investigar se fazem juntos. Eu também fui a pescaria no Mangue e no Rio acompanhando também as crianças e os outros adultos.

Capítulo 4

A PANDEMIA NOS SEUS INÍCIOS NA ALDEIA INDÍGENA ÁGUAS BELAS

“Como posso explicar a uma pessoa que está fechada há um mês num apartamento numa grande metrópole o que é meu isolamento? Desculpem dizer isso, mas hoje já plantei milho, já plantei uma árvore [...]” (KRENAK, 2020 p. 3)

É difícil explicar para algumas pessoas que o isolamento dentro do território indígena da Aldeia Águas Belas foi diferente de muitos outros lugares do Brasil e do mundo, que o *Kijême* (casa) em nossa comunidade vai além das paredes, vai além do plantio da roça (Ver figura 5), passando pelos campos até o rio que passa por dentro de uma mata, então o território nos possibilitou viver um isolamento diferente de muitos que vivem no contexto urbano, nas cidades e metrópoles, assim como diz Ailton Krenak.

Figura 5. Educação tradicional no território



Fonte: elaboração própria.

Na nossa aldeia temos um espaço diferente que nos possibilita outro tipo de isolamento, consequência de anos de massacres vividos por nosso povo, massacres que nos isolaram dentro do nosso território deixando-nos à própria sorte, para que morrêssemos na miséria, mas como nosso povo é resiliente escrevemos nossa própria história e de certa forma usufruímos desta conquista que é nossa. Vivemos em um território de 1198 hectares de terra que maior seria se não fosse a injustiça desse país, pois o território reivindicado eram 4800 hectares de terra. Mas vou tentar explicar como vivenciamos este período pandêmico.

Nossa comunidade ficou informada deste vírus, COVID-19, através da televisão, mas não demos muita importância a essas informações ao início, pois achávamos que esse vírus estava distante de nós e que não iria nos alcançar. As lideranças de nossa comunidade no dia 17 de março de 2020 estavam na Secretaria de Educação em Salvador (Bahia, Brasil) resolvendo problemas de contratos de professores e de transporte escolar e lá, foram informados de que as aulas seriam suspensas e que, as escolas deveriam se manter fechadas por conta do vírus. Logo o gestor nos informou sobre a decisão do governador divulgada no Decreto nº 19529 de 16 de março de 2020 -publicado no DOE-BA em 17 de março de 2020- que regulamentou, no Estado da Bahia, as medidas temporárias para o enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus e o fechamento das escolas e suspensão das aulas.

Quando o cacique e lideranças que estavam em Salvador chegaram em Águas Belas fizemos uma reunião na escola no dia 21 de março do ano corrente (Ver figura 6) para tratar da viagem e da paralização das aulas e, nesta mesma reunião foi decidido pelos membros da comunidade presentes que, iríamos fechar as estradas que dão acesso à comunidade. No dia seguinte começamos a fechar as entradas da Aldeia (Ver figura 7).

Figura 6. Foto da reunião



Fonte: elaboração própria.

Figura 7. Foto de fechamento das entradas, barreira sanitária.



Fonte: elaboração própria.

Por conta da situação fomos informados que tínhamos que tomar cuidado e que esse vírus trazia consequências graves a saúde e a vida e que não havia nenhum remédio e nem uma vacina que conseguisse combater o vírus. A partir de então ficamos alerta com a situação que nossa comunidade iria passar. Tínhamos muitas dúvidas, inclusive sobre quais sintomas a doença apresentava? Mata ou não mata? Quem corre maior risco? Como se proteger? E ainda tinha alguns que diziam: Que! Nada, isso aí não pega assim não? Que! Nada, essa doença não é do jeito que o povo está falando não?

Uma das entradas foi fechada com uma cerca, a outra com porteira e outra com correntes. Mas não havia acompanhamento das saídas dos membros da comunidade, não era permitido a entrada de pessoas de fora da comunidade.

Enfrentamos diversas dificuldades, pois apesar de não permitir que outras pessoas entrassem na aldeia, pessoas de nossa comunidade resolviam desordenadamente ir à cidade de Itamaraju para fazer compras e resolver outras situações ou em outros locais da região sem controle e não se preveniam adequadamente, isso acabou trazendo o vírus para a nossa comunidade.

Uma das estratégias que tivemos ao início era proteger os mais velhos pois, pelas informações que recebíamos eles estavam em perigo, e eles guardam nossa história sagrada. Então tomamos a decisão de que os mais velhos não iriam sair da aldeia e que, o dinheiro de sua aposentadoria ou outro benefício iria ser retirado por algum de seus filhos. E assim, aconteceu por um logo tempo, mas apenas em algumas famílias pois, muitas pessoas relaxaram com os cuidados em casa e na própria comunidade, após da flexibilização do governo feral em 2021. E, por conta desse descuido tivemos no dia 08 de julho 2021, dois casos confirmados do COVID-19 em nossa comunidade de Águas Belas.

Na nossa comunidade foram elaborados diversos boletins de saúde sobre o avanço de contágio e com diversas informações que foram muito uteis para o planejamento comunitário (Ver figura 8).

Figura 8. Boletim epidemiológico aldeia de Águas Belas, 08 de julho de 2020



Fonte da foto: elaboração própria.

Apesar dos boletins informarem a situação que nossa comunidade começava a viver, ainda assim, havia membros da comunidade que não estavam acreditando, ou melhor, duvidavam dos primeiros casos, dizendo que era *fakenews*, e tudo mais. Por esse motivo uma das enfermeiras DISEI-BA do Polo Base de Itamaraju, Jislândia Neves de Moura, mandou uma mensagem no WhatsApp para o cacique de nossa aldeia para ele socializar e confirmar que o que estava acontecendo. A seguir apresento a mensagem enviada para nossa comunidade por parte da enfermeira da comunidade:

“bom dia, meu povo!

Aqui é Jirlândia, enfermeira que atende as aldeias Águas Belas, Craveiro, Canto da Mata, Mucugê, Alegria Nova e Monte Dourado. Infelizmente o que a gente mais temia aconteceu, sabíamos que mais cedo ou mais tarde o vírus ia chegar nas aldeias, mesmo com todas medidas de restrição e cuidados tomados. Nosso boletim do Polo Base Indígena de Itamaraju que é divulgado diariamente infelizmente é verídico, simples e esclarecedor, nele está as 22 aldeias pertencentes ao nosso polo, que abrange 04 municípios (Prado, Itamaraju, Porto Seguro e Alcobaça). Hoje recebi um áudio enviado pelo Cacique, no mesmo alguém fala/questiona a veracidade dos dados informados pelo nosso Polo Base, pela Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena. Gostaria de pedir por gentileza que quando tiver qualquer dúvida como esta que entre em contato conosco para receber informações, prestar esclarecimentos, pois isso é muito sério, não vamos deixar acontecer mortes, indígenas ficar em estado grave para só então acreditar. Esse áudio é um absurdo, está divulgando informações sem ter conhecimento. Infelizmente o pico da disseminação do vírus já está aí, muitos não estão acreditando. Acredite, esse vírus não está para brincadeira, vamos cada um fazer nossa parte. Evite sair de casa sem necessidade, sabemos que tem situações que isso não é possível, muitos tem que trabalhar, trazer alimentos para casa, nesses casos tome todos cuidados, segue as orientações do Ministério da Saúde, as orientações da sua Equipe de Saúde que está batendo nessa tecla incansavelmente. Em relação aos testes do COVID-19, temos todo cuidado na realização do mesmo, não é realizado em qualquer dia, qualquer hora, justamente para não termos resultados falsos. O vírus só é detectado no teste rápido após o 10 a 14 dias do início dos sintomas. Fiquem na aldeia, lave sempre as mãos com água e sabão, quando não for possível, use álcool em gel, use máscara, só saia de casa em caso de urgência.

Estamos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Jirlândia Neves de Moura

Coren/BA: 307.233”

Mesmo depois desta informação da enfermeira do Polo Base de Saúde indígena de Itamaraju ainda houve algumas pessoas que duvidavam.

No boletim do dia 29 de julho de 2020 (Ver figura 9) foram informados mais dois casos do COVID-19 algo que nos assustou pois víamos a possibilidade desse vírus se espalhar por toda comunidade. Em outras comunidades simultaneamente havia um grande número de infectados. E, assim continuou crescendo em outras comunidades, mas em nossa comunidade só chegou a 5 casos como aparece no boletim do dia 04 de agosto de 2020 (Ver figura 10).

Figura 9. Boletim do dia 29 de julho de 2020



Fonte da foto: elaboração própria.

Figura 10. Boletim do dia 04 de agosto de 2020.



Fonte da foto: elaboração própria.

Em entrevista com o Agente Comunitario Indigena de Saúde Gentil Braz dos Santos no dia 02 de setembro de 2020 e como já vimos no boletim podemos constatar que não houve nenhuma morte pelo novo corona virus e

nenhum caso grave com necessidade de internação, mas segundo Gentil houve casos em que as pessoas precisaram de bastante cuidado nos quais houve acompanhamento médico dentro da própria comunidade. Gentil acredita que houve mais casos além dos 5 confirmados, ele acredita que quase 100 pessoas da comunidade foram infectadas pelo COVID-19 pois eles apresentaram sintomas como dor de cabeça, febre, dor de garganta, dor no olho, perda do paladar, dor no corpo. Mas dessas pessoas que sentiram esses sintomas só 20 fizeram o teste, pois na comunidade tem 117 famílias e ao menos uma ou duas pessoas por família ficaram doentes.

Gentil relata que ele foi uma das pessoas que sentiram os sintomas, mas que não fez o teste, mas ele acredita que tenha sido infectado, não só ele, mais toda a família. Ele ainda relata que por conta de ter ficado e mesmo depois de ter sido curado, ao realizar seu trabalho de visita às famílias, ele sofreu preconceito, pois em uma de suas visitas, uma família o rejeitou, não o deixou entrar dentro de casa, pois soube que ele estava doente, ele ainda diz que ele estava realizando seu trabalho conversando sobre o vírus pois esses também estavam com os mesmos sintomas, eles não o receberam, ele achou isso um preconceito.

Ainda em entrevista com Gentil ele relata que várias mudanças aconteceram na vida de sua família por conta do corona vírus, como hábitos de higienização mais rigorosos, cuidados ao ir à cidade, uso de máscara que antes não usava, o distanciamento com as visitas quando iam à sua casa, e isso acabou afastando as pessoas de sua casa. Essas mudanças também são percebidas na comunidade pois as pessoas da comunidade se afastaram umas das outras, você não via as pessoas saírem, estar passeando, indo mais as casas das pessoas para tomar um café, pessoas não vinham mais a cede da aldeia, não vinham ao médico por medo de serem infectados.

Além dessas mudanças relatadas por gentil podemos também destacar a paralização das atividades comunitárias, realização dos rituais, de jogos de futebol, comemorações de dias importantes para nossa comunidade,

comemorações de dias santificados, todas essas atividades foram paralizadas por conta do COVID-19.

Capítulo 5

A VIDA ESCOLAR DAS CRIANÇAS PATAXÓ ANTES DAS PANDEMIA

Antes de falar sobre a vida escolar das crianças indígenas Pataxó da Aldeia Águas Belas é preciso fazer um retrospecto da história da escola em território indígena, pois falo aqui como indígena Pataxó e professor. Assim como meu parente e professor Gersem Baniwa (2013, p.1) diz que “A história da educação escolar indígena no Brasil pode ser dividida em dois períodos muitos distintos, se considerarmos sua missão institucional” onde nos vivenciamos um longo período de 488 anos em que a escola serviu durante quase esses 5 séculos como uma estratégia para “aculturar” os nossos povos indígenas, aculturação, essa que era voltada para os massacres de nosso conhecimento tradicionais e culturais.

Por que falar isso? Falar disso é importante para mostrar para a sociedade não indígena o quanto nossos povos sofreram e continuam sofrendo com os efeitos desse processo.

As pessoas falam sobre independência do Brasil que aconteceu em 1822, mas independência de quem? Esta independência aconteceu como? Aqueles que não eram originários desta terra voltaram para seus países? Não. O que aconteceu é que houve uma independência de um povo imigrante que aqui estavam e que continuaram a impor seus projetos de vida totalmente diferentes do projeto de vida de nossos povos indígenas. Por isso considero irrelevante compararmos resistência de uma população ou outra.

- *Primeiro período: a história da educação escolar para indígena no Brasil (1500-1988) 488 anos*

A escola por meio de seus métodos de ensino contribuiu junto a outras ações para o extermínio de diversas línguas indígenas das mais de 600 línguas que aqui eram faladas. Segundo site da PIB (Povos Indígenas no Brasil) antes da chegada dos portugueses no Brasil existia quase mil línguas indígenas,

atualmente temos, mais de 160 línguas e dialetos falados pelos povos indígenas no Brasil.

Ou seja, por conta da ação cruel realizada pelos não indígenas e seus métodos de escolarização quase 85% das línguas indígenas em nosso país foram perdidas, a escola e seu processo de colonização trouxe graves e grandes consequências para a nossa educação indígena. A escolarização buscou a partir e através de métodos vorazes domesticar os indígenas que eram considerados como selvagens.

Estes foram períodos intensos de assimilação forçada, não vou dizer aqui que a constituição de 88 seja um marco, mas que sim é um ponto chave que divide estes dois períodos muito diferentes entre si pois, é só a partir da constituição que nós indígenas passamos a ter direitos, não se falava até então de direitos indígenas. O que se tinha era leis para índios que era algo vertical de branco para índio.

Na elaboração da constituinte várias lideranças estavam presentes, isto deve ter sido muito estranho, o pessoal deve ter se perguntado: o que esse povo quer aqui? E hoje eu me pergunto: por que nossa presença ainda hoje causa tanta estranheza no Brasil? Eu não entendo isso.

Eles pautaram os anseios dos povos originários e só a partir daí começa-se a se discutir sobre os direitos indígenas. Quem se lembra do parente Ailton Krenak na assembleia nacional constituinte onde ele faz uma belíssima defesa da emenda popular da união das nações indígenas no dia 4 de setembro de 1987?² Ele pinta seu rosto de preto falando sobre a diferença do pensamento indígena pois nos indígenas pensamos e vivemos diferente de uma parcela da população não indígena. Foram momentos de muitas lutas e sacrifícios mais aqui estamos.

- *Segundo período: a história da educação escolar indígena no Brasil (1988- 2022...) com apenas 34 anos e esse movimento aqui na Bahia começa por vota do ano 2000 se efetivando em 2003.*

² Fala disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TYICwl6HAKQ>

Após a constituição de 1988 começa-se a tratar de educação escolar indígena, se promovendo uma educação apropriada aos costumes e tradições de nossos povos e a escola começa a ser pensada com nosso povo não mais para nosso povo.

Contudo, apesar de todos os esforços e prejuízos para o nosso povo indígena, todo o conflito vivenciado por gerações, a selva venceu e ela nunca saiu de nós, pois ser selvagem para nós não quer dizer ser desprovido de saber e conhecimento, até porque é na selva que se encontra toda a nossa existência, nossa mãe terra com seus diversos tipos de selva nos ensinou a viver dela e, junto com ela, pois para cada ambiente um saber diferente, para cada selva um saber existente.

O processo vivenciado foi doloroso, difícil, mas a escolarização não venceu a selva, então o processo de colonização através da escola tomou um caminho contrário, pois a escolarização antes vivenciada por nosso povo, faz um caminho inverso pois a escola se torna "SELVAGEM", não selvagem com conceito de brutalidade pois para os não indígenas ser selvagem seria ser ignorante, bravo.

Tornar a escola selvagem é trazer a selva para a escola, junto com os conhecimentos tradicionais e ancestrais que a mãe terra nos possibilitou e nos possibilita aprender.

Passamos, portanto, para o grande desafio onde a escola passa a ter uma missão contrária de contribuir para a continuidade da história de nosso povo. E é aí que começa os desafios de descolonizar a escola que é o de desconstruir 488 anos de negação, para uma escola que promova nossa cultura e nossas tradições em diálogo unilateral com outras culturas que agregam valores diferentes.

Para isso a Educação Escolar Indígenas precisa ser comunitária e intercultural, assim como os processos de construção de conhecimento nesse espaço devem garantir expressão cultural, conhecimentos tradicionais e rituais, costumes e principalmente o uso da língua indígena.

A educação intercultural assume, ou pelo menos deveria assumir, a participação em projetos societários, reconhecendo e valorizando a diferença na possibilidade de construção de um estado nação que respeite a pluralidade étnica e linguística, destacando também o currículo intercultural das nossas escolas indígenas.

Contudo apesar de cada povo ter suas especificidades, terem seus jeitos de gestar a escola e seus objetivos próprios. A escola para nosso povo Pataxó passa então a ser um ambiente de luta pois nela e, a partir dela, são discutidas e elaboradas estratégias para as frentes de lutas que realizamos em busca de nossos direitos, direitos à diferença, direito ao território, ao uso de nossos costumes e fortalecimento de nossas línguas e tradições culturais.

O Colégio Estadual Indígena Bom Jesus localiza-se na Aldeia Águas Belas pertencente ao povo Pataxó, no distrito de Prado, na região de Corumbau, Bahia. A aldeia se formou logo após o fogo de 1951, quando ocorreu um massacre na aldeia Barra Velha³, município de Porto Seguro, provocando a dispersão indígena na região. Foi quando seu Justino Braz e Dona Maria Emília, fugindo do massacre, foram morar em um lugar chamado de Craveira, levando consigo seus 14 filhos. Em 1953 os “Emílias”, como era conhecida a família, mudaram-se para uma localidade situada entre as belas águas dos rios Jibura, ao norte, e Jiburinha, ao sul. Essa localidade ficou conhecida como “os Emílias”, vindo a se chamar Aldeia Águas Belas após

³ Em 1951 no território Pataxó de Barra Velha Sul Bahia aconteceu um grande massacre vinculada à criação ou sobreposição do Parque Nacional do Monte Pascoal que iniciou em 1944. Com a criação deste parque indígena Pataxó que habitavam naquela localidade teriam que sair dessa área que se tornaria parque. Então o capitão e liderança Honório Borges Pataxó como era conhecido viajou para o Rio de Janeiro com o objetivo de lutar pelos direitos dos indígenas habitavam essas terras que desde sempre foram deles. Os anciões relatam que Honório e outras lideranças Pataxó que o acompanharam nessa época conheceram dois cidadãos que disseram que viriam demarcar o território Pataxó. No ano de 1951 essas duas pessoas vieram para a Aldeia Barra Velha junto com o Honório e as lideranças. Só que ao invés de realizar a demarcação, os dois homens cometeram uma ação criminosa e colocaram a culpa nos parentes Pataxó. Com isso a polícia de Porto Seguro e Prado adentraram na aldeia Pataxó de Barra Velha agredindo aos indígenas a morte, muitos parentes morreram, aqueles que não conseguiram fugir para mata foram espancados até a morte. Essa ação é conhecida pelo meu povo Pataxó como “fogo de 51” e como “revolta dos caboclos de Porto Seguro” pela imprensa. No seguinte link podem ser encontradas mais informações sobre esta tragédia: <https://youtu.be/l5GAxr95cgs>

reconhecimento pela FUNAI de que os Emílios eram índios que viviam isolados, sobrevivendo exclusivamente da caça, pesca e artesanato.

O primeiro cacique da aldeia foi Pedro Braz Alves, neto de Dona Maria Emília. Em busca de seus direitos, enfrentaram diversos desafios na busca pela afirmação cultural e demarcação de seu território. Este veio a ser demarcado em 28 de novembro de 1995, no que se tornou um dia de muita alegria e comemoração pelos 1198 hectares de terras indígenas delimitadas. Hoje nossa comunidade tem 112 famílias com uma população aproximadamente de 400 pessoas.

O Colégio Estadual Indígena Bom Jesus inicia sua história em 1987 antes disso as crianças iam estudar em escolas da vizinhança e essas escolas ficavam distante da comunidade, mas através de uma negociação com o prefeito de Prado da época conhecido por Barreto deu início a prática escolar na aldeia Águas Belas. O prefeito disse que não tinha como mandar um professor para lecionar mais se João Braz que era o cacique na época conseguisse alguém para dar aulas, era só levar na prefeitura que ele contrataria e a pessoa podia trabalhar.

Na época, não tinha ninguém com formação em magistério na aldeia e nem próximo, então ficou complicado, mais na aldeia tinha uma parente que sabia ler, escrever e fazer conta e que já tinha estudado até a 4ª série, então ele a levou à prefeitura e ela começou a dar aula na igrejinha da aldeia no ano de 1987. Portanto a primeira professora foi Edileusa filha de seu Ejessias, depois veio outros professores que deram aula aqui na aldeia, tais como Paulo Tithiar, Miguel, Augusto conhecido por Totô, Juscelio conhecido por Bino, durante esse tempo a escola era gestada pelo município, e funcionava em uma sala só e as turmas eram multisseriadas, até o ano de 2004.

Administrada pelo município e funcionando no espaço da igreja católica da comunidade, a escola atendia desde a alfabetização até a quarta série, em uma turma multissériada. No ano de 2004, a escola foi estadualizada e batizada “Escola Estadual Indígena Bom Jesus”.

No mesmo ano de 2004 o cacique João Braz conseguiu junto ao empresário que era conhecido por Doutor Raimundo a construção de uma escola com 6 salas, cantina e alojamento para professores, também neste mesmo ano a escola deixa de ser municipal e passa a ser gestada pelo estado. No ano seguinte, em 2005, a escola passa a trabalhar com salas seriadas de ensino fundamental I e II, e os alunos de 5ª a 8ª que estudavam fora da aldeia passaram a estudar em sua comunidade e alunos de outras aldeias que estudava em escolas não indígenas também vieram estudar na nossa escola.

Em 2009 começou o ensino médio sem autorização do estado, em 2010 foi autorizado mais funcionava como extensão do Colégio Estadual Homero Pires de Prado, em 2017 saiu a publicação onde a escola passa a se chamar Colégio Estadual Indígena Bom Jesus atendendo alunos do pré-escolar ao Ensino Médio, até o momento com a sétima turma formada a nível de Ensino Médio. Eu tenho uma grande satisfação por fazer parte da equipe de professores que contribuíram para os momentos de formação destes estudantes de nossa escola e de nossa Aldeia Águas Belas.

Hoje nossa escola conta com uma estrutura física ampla, a qual inclui dois prédios. O primeiro foi construído em 2004 (Ver figura 11) pelo empresário Doutor Raimundo, já falecido. A edificação tem seis salas de aula, uma cantina, um alojamento para professor (pois a maioria dos professores não era da própria comunidade no passado), cinco banheiros e uma secretaria.

Figura 11. Prédio construído em 2004 pelo empresário.



Fonte: elaboração própria.

Erguido em 2011 pelo Governo do Estado da Bahia, o segundo prédio (Ver figura 12) tem duas salas de aula, dois banheiros, uma secretaria e uma cantina.

Figura 12. Prédio construído em 2011 pelo Estado da Bahia.



Fonte: elaboração própria.

A Escola Estadual Indígena Bom Jesus é mantida pelo Governo do Estado da Bahia, atendendo a alunos desde o pré-escolar até o Ensino Médio, além todos os eixos da EJA.

Hoje temos 195 alunos (ver tabela 1) e 21 professores sendo que três desses estão em desvio de função, um na secretaria, outro na coordenação e outro na administração/gestão, pois não temos portaria de diretor, duas zeladoras, duas cozinheiras e um outro funcionário que é responsável pelo serviço geral.

Tabela 1. Total de alunos do Colégio Estadual Indígena Bom Jesus.

MODALIDADE DE ENSINO	QUANTIDADE DE ALUNOS	TURMA/ANO
Educação Infantil	25 alunos	(pré I ao pré II).
Ensino Fundamental I	68 alunos	(1° ao 5° ano).
Ensino Fundamental II	43 alunos	(6° ano ao 9° ano).
Ensino Médio	47 alunos	(1° ano ao 3° ano).
Educação de Jovens e Adultos	12 alunos	

Elaboração própria.

Temos um coordenador geral que responde pela maioria das escolas indígenas do município de Prado inclusive a Bom Jesus, este coordenador atua na área administrativa fica lotado no Núcleo Regional de Educação que está localizado na cidade de Teixeira de Freitas Bahia.

Temos hoje 21 professores em nosso colégio, deles 3 já tem estudos de nível superior; 7 estão em formação de nível superior e 11 professores com formação em ensino médio formação geral.

Conheça a Colégio Estadual Indígena Bom Jesus da Aldeia Águas Belas município Prado Bahia:



<https://youtu.be/zZ5XNDIKbcw>

Capítulo 6

A INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO TRADICIONAL NA PERSPECTIVA DO POVO PATAXÓ

Ao comparamos as vivências das crianças Pataxó da Aldeia Águas Belas com as crianças das cidades por meio de várias pesquisas que eu li, ou até mesmo com algumas crianças da região rural, podemos destacar algumas diferenças e também semelhanças, pois crianças em qualquer lugar do planeta elas serão sempre criança, mas em nossas comunidades assim como afirmam Ferreira e Santos “a infância das crianças pataxó é diferente das crianças da cidade, pois as crianças da aldeia vivem mais soltas ou mais à vontade por serem todas conhecidas” (2021, p. 23).

Isso não significa que as crianças não tenham responsabilidades ou que elas não sejam bem cuidadas, ao contrário, elas têm a liberdade de crescer como uma criança indígena Pataxó da Aldeia Águas Belas pois a aldeia lhes possibilita outros jeitos de ser e viver:

Na aldeia a vida é mais tranquila, na cidade tem muito movimento de carros, pessoas. Mas na aldeia os pais também precisam estar sempre atentos com os filhos, por causa de brigas entre eles, ou para eles não irem para alguns lugares sozinhos, como por exemplo os rios, por causa de brincadeiras com fogo, entre outros objetos que podem prejudicar a criança. (FERREIRA, SANTOS, 2021, p. 23)

Podemos observar que apesar da tranquilidade a aldeia também tem seus perigos assim como os diversos lugares no mundo e que, a proteção e os cuidados com as crianças estão sempre presentes e, assim as crianças podem estar nos diversos ambientes do território lhes possibilitando aprendizagens, vivenciando práticas próprias do território Pataxó. A educação tradicional acontece no território como um todo, nesse sentido na rotina das crianças Pataxó elas se acostumam a acordar cedo junto com seus pais: “as crianças pataxó têm sempre o costume de acordarem bem cedo (5 ou 6 horas da

manhã), a princípio tomam café e vão para a escola” (FERREIRA, SANTOS, 2021, p. 23).



Criança Pataxó da Aldeia Águas Belas praticando o awê.

Elaboração própria

<https://youtu.be/rMunkoT-kdE>

As outras crianças que não vão para a escola elas vão participar das práticas socioculturais que os pais realizam, sejam as atividades de casa ou as atividades da roça, mas esse costume não é só durante a semana, mas nos finais de semana também. Esse hábito de acordar cedo já faz parte dessa vivência das crianças em nossa comunidade pois,

As crianças pataxó tem grande participação na família, muitos ajudam os pais nos afazeres de casa, outros querem aprender a pescar, acompanhar sempre os pais no rio, na mata, na farinha, ou na roça. E é a partir daí que começa desde muito cedo a aprendizagem, porque se a criança vê os pais na roça plantando mandioca, a tendência é ele aprender a fazer a mesma coisa, ou seja, é transmitido esse saber de pai para filho, é vendo que se aprende. (FERREIRA, SANTOS, 2021, p. 23)

Na aldeia as crianças estão sempre próximas dos adultos vendo e aprendendo, elas não estão só com os pais o tempo todo, elas estão sempre com membros da família, assim para os Pataxó a educação é comunitária pois todos aprendem uns com os outros, meus filhos aprendem com os tios e outros

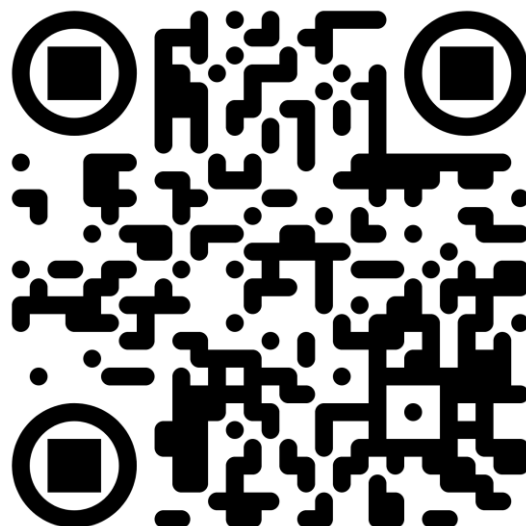
adultos assim como meus sobrinhos aprendem comigo e com outros, e ainda há situações que as crianças aprendem umas com as outras.

No processo de crescimento das crianças Pataxó podemos observar que estes passam por fases em que suas ações e práticas variam de acordo com a idade e sexualidade, como por exemplo, no caso dos meninos eles ajudam seus pais e avós na roça capinado plantando e as meninas já ajudam na hora de plantar ou colheita. Como Samara da Silva Santos Ferreira e Reginaldo da Silva Santos dizem (2021)

O menino tem o papel fundamental de ajudar o pai nos afazeres. É importante observarmos que o menino entre 9 ou 10 anos já começa a se desenvolver na aprendizagem com seus pais, é observando que ele aprende. Ressaltamos ainda que a criança homem, ela tem o costume de acompanhar o pai na mata, de aprender a fazer artesanatos de madeira, ir para a roça com os pais, carregar lenha para a mãe preparar a comida. Na medida em que vão crescendo o pai vai ensinando a fazer armadilhas, plantar, pescar, caçar, dentre outras formas de sobrevivência. Esses hábitos são transmitidos de geração para geração. (p. 24).

Criança Pataxó em processo de aprendizagem. Pai e filho.

Elaboração própria



<https://youtube.com/shorts/7ifZnleDL50?feature=share>

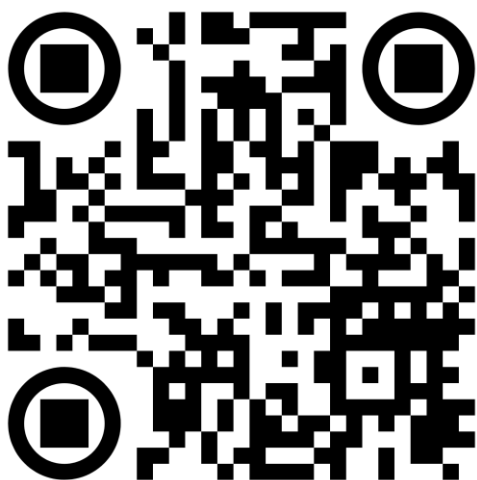
Os meninos aprendem com seu pai como ser um homem indígena Pataxó, eles vão se desenvolvendo aprendendo a rotina de um guerreiro Pataxó que busca sempre pela proteção e subsistência da família e da comunidade. Não muito diferente, as meninas aprendem com sua mãe a zelar

dos familiares e comunidade, aprendem como ser uma indígena Pataxó, aprendem a medicina e a culinária do nosso povo, como podemos observar na fala de Ferreira e Santos (2021):

A rotina de uma criança mulher é um pouco diferente dos meninos, pois as meninas acompanham mais as mães nas atividades domésticas como lavar roupas, lavar prato, arrumar a casa, limpar o quintal, fazer comida, e ajudam na fabricação de artesanatos. Elas vão para a farinha ajudar as mães a peneirar massa, tirar goma, fazer beiju, etc. Desde muito cedo, a menina aprende sobre a vivência tradicional da mulher indígena. (p. 25).

Isso também não quer dizer que as meninas não podem fazer as atividades relatadas que são realizadas pela maioria dos meninos e que os meninos não podem fazer as atividades que foram relatadas que são realizadas por meninas. Tanto os meninos quanto as meninas podem e realizam atividades simultaneamente e diversas.

As crianças aprendem muito rápido as coisas, elas são muito sabias, elas não perguntam e nem são ensinadas como na escola elas vão observando, começam a mexer faz uma coisa aqui outra ali e daqui a pouco está realizando a atividade de forma excelente. Elas têm essa facilidade de observar e aprender observando outras crianças. Tem um ditado dos mais velhos que diz que “criança é igual papagaio, tudo o que vê aprende” (FERREIRA, SANTOS, 2021, p. 26).



<https://youtu.be/WIponT8VydK>

Criança Pataxó em processo de aprendizagem. Mãe e filha.

Elaboração própria

E muito importante que as crianças adquiram esses conhecimentos pois como diz dona Angelita Maria da Conceição (Bokuãdxê, 2021): “*vocês têm que aprender a fazer as coisas pois um dia eu não estarei mais aqui*”. É preciso aprender para que essas práticas não se percam, é preciso aprender para ensinar depois para as próximas gerações esse saber tradicional do nosso povo, buscando valorizar nossa identidade e cultura.

Capítulo 7

É ASSIM QUE É FEITO: INFÂNCIA INDÍGENA PATAXÓ EM TEMPOS DE PANDEMIA NA ALDEIA ÁGUAS BELAS

Com a pandemia diversas mudanças aconteceram no mundo todo, e não poderia deixar de acontecer em nossa comunidade, acredito que não tivemos retomadas de atividades. Mas tivemos várias atividades que começamos a fazer com mais frequência e em maior quantidade.

Durante a pandemia da COVID-19 as crianças Pataxó deixaram de vivenciar os tempos regradados e disciplinares da escola para se incorporar com maior intensidade com a vida e tempos das práticas tradicionais da Aldeia Águas Belas, isto é, elas passaram a viver os tempos da educação tradicional que acontece no dia a dia do território. Esta mudança foi nos mostrando que ainda que a educação escolarizada parou a nossa educação tradicional continuou propiciando aprendizagens ímpares como movimentos em lutas por seus direitos a vida, atividades voltadas para a agricultura e à pesca, coletas de frutas e sementes... em todos esses momentos as crianças estiveram presentes com maior intensidade.

7.1. PRÁTICAS DA AGRICULTURA

Antes da pandemia poucas famílias desenvolviam práticas de agricultura, e por tanto muitas famílias consumiam alimentos da cidade ou produzidos por outros parentes na comunidade, então com a pandemia a maioria das pessoas da comunidade voltaram a cultivar sua terra principalmente porque o acesso à cidade ficou restrito e perigoso, pois havia muito medo da contaminação. Por conta disso nos dias de hoje podemos ver mais famílias plantando diversos tipos de cultivos, desde a plantação de hortaliças, quanto a plantação de sementes (Ver figuras 13 e 14).

Figura 13. Plantando sementes de milho.



Fonte: elaboração própria. Visite o vídeo para maiores detalhes no QRcode ou no seguinte link: https://youtu.be/jkzn9_yGzng

Figura 14. Plantando sementes de milho.



Fonte: elaboração própria.

O processo de aprendizagem Pataxó acontece na própria vida da aldeia, como diz Lucca Lopes (2022) adolescente da minha comunidade: **“trabalhei com ela (a avó) em sua roça de abobora, molhando todos os dias, trabalhei no café”**.

As crianças e jovens passaram a acompanhar e aprender desde a observação, a iteração das ações, a escuta e o fazer nos processos de plantação de milho, amendoim (Ver figura 15), feijão, abobora, melancia, hortaliças e um dos mais cultivados que são as roças de mandioca. Nessas práticas tradicionais desde o início tem que ter um cuidado com o tempo, desde o preparo da terra até a colheitas tem que se prestar atenção na natureza e nos astros, pois se plantar no período errado as plantas dão bicho, as formigas cortam, a planta não desenvolve como deveria se desenvolver, chover quando tiver próximo da colheita perde a produção, então para se plantar temos que ter um certo zelo, temos que tomar um certo cuidado se não, não adianta plantar pois não vai colher coisa boa.

Figura 15. Colheita de amendoim.



Fonte: elaboração própria.

“Nós aprendemos várias coisas ajudando os pais e os mais velhos nas coisas de casa, na roça ajudando com tudo”. (Patiburi, 2022)

Essas práticas mobilizam saberes que as crianças não vivenciam no âmbito escolar, como algumas famílias não praticavam mais a agricultura de subsistência as crianças não estavam vivenciando esses saberes mas a pandemia possibilitou essas experiências pois, as crianças vivenciaram esses momento com sua família e puderam aprender a conhecer e reconhecer o tempo, aprenderam a ler os astros como por exemplo a lua, pois para plantar e preciso esperar a lua escura para que a produção não tenha pragas, aprenderam que no mês de fevereiro não é bom cultivar a mandioca pois segundo o senhor Ednaldo Pinheiro Braz (2021) “*as mandiocas dão toletes e não tem raízes boa*”, que no mês de abril é um período bom para plantar milho, feijão, amendoim e outras sementes.

Contar o tempo é uma prática (matemática) de várias civilizações inclusive dos povos indígenas e principalmente o povo Pataxó, aprenderam a distância entre uma plantação e outra, aprenderam que para plantar não se joga a semente de qualquer jeito (Ver figura 16 e 17), que tem uma quantidade certa de sementes em cada cova (até a três caroços), muitas sementes atrapalha o crescimento e o desenvolvimento das plantas, poucas sementes pode ser que elas não estejam boas e perdera a cova pois a semente pode não germinar.

Figura 16. Prática de plantar feijão e milho.



Fonte: elaboração própria. Visite o vídeo para maiores detalhes no QRcode ou no seguinte link: <https://youtu.be/jN-8ww7mcAU>

Figura 17. Prática de plantar milho.



Fonte: elaboração própria

Observar também os períodos da chuva para não ser preciso irrigar, mas que se for preciso irrigar é preciso ver o horário pois para molhar a

plantação tem que ser cedo pois se for tarde e o sol estiver quente pode cozinhar a raiz e a planta vir a morrer (Ver figura 18).

Figura 18. Cuidando do plantio de abobora.



Fonte: elaboração própria

Essas aprendizagens acontecem involuntariamente a partir das práticas do dia a dia vivenciadas pelas crianças que estão sempre com seus pais e familiares principalmente neste tempo de pandemia.

Além de plantar, a melhor parte é a colheita (Ver figura 19 e 20) onde podemos nos desfrutar do resultado das práticas realizadas e manter as práticas de alimentação tradicional.

Figura 19. Práticas de colheita e alimentação do milho.



Fonte: elaboração própria

“[...] plantar é bom por quê só colhe quem planta, se a gente não plantar a gente não colhe aí tem que comprar”. (Emilly Pereira, 12 anos, 2022).

Figura 20. Prática de colheita de beringela.



Fonte: elaboração própria.

O plantio de urucum ou corante é uma prática (Ver figura 21) realizada em nossa comunidade. Durante a colheita toda a família se junta para colher inclusive as crianças. São momentos de intensa sabedoria para ouvir histórias. Tem várias etapas até o urucum estar pronto para fazer o corante (coloral), a limpeza é feita pelos adultos e as crianças vão observando e aprendendo, em alguns momentos vemos crianças quererem imitar os pais e avós, **então, imitar também é uma prática de aprender.**

Figura 21. Limpeza do urucum.



Fonte: elaboração própria.

7.2. PRÁTICAS NA FARINHEIRA (PRODUÇÃO FARINHA E BEIJU)

Como falei anteriormente essas diversas práticas estão em nossa vivência diária com ou sem pandemia, como por exemplo, a elaboração da

farinha, ela nunca deixou de ser produzida em nossa comunidade, mas algumas famílias preferiam comprar nas mãos dos parentes a produzir para o consumo.

Com a pandemia mais famílias começaram a produzir, pois antes faltava tempo por conta de exercer outras atividades. Hoje podemos observar várias famílias produzindo sua própria farinha, beiju, farinha moreninha, farinha de tapioca.

Nossa família é exemplo disso pois, comprávamos mais do que produzíamos ou então quando tínhamos uma roça de mandioca já boa para produzir, mas, por conta do tempo, passávamos a roça para outra família produzir na meia, ou seja, de toda produção realizada metade era nossa e a outra metade ficava para a família que pegou a roça para produzir na meia.

Com mais famílias praticando a produção as crianças tiveram novos aprendizados, saberes outros, pois para fazer farinha não é só chegar e fazer, é preciso entender o processo pois nossa comunidade Pataxó da aldeia Águas Belas fazemos sempre farinha de puba que é diferente dessas farinhas da cidade chamada farinha de guerra.

Para fazer a farinha de puba é preciso alguns dias antes colher um pouco de mandioca raspar e colocar para pubar, quando a puba tiver boa, aí sim, pode colher a mandioca. Esse processo é realizado pelos homens e os meninos, para colher a mandioca é preciso saber a quantidade de farinha que se quer produzir, para se fazer um saco de farinha colhe-se duas cargas de mandioca, e assim sucessivamente. Depois de colhida os meninos carregam para a farinheira onde junta mulheres, homens meninos e meninas para raspar, ou seja, tirar a casca da mandioca (Ver figura 22).

Figura 22. Raspagem da mandioca.



Fonte: elaboração própria.

Esse momento é de muito aprendizado os mais velhos vão contando histórias e as crianças estão sempre envolvidas ajudam de seu jeito a raspar e carregar, depois a mandioca é ralada e imprensada. Segundo seu Pedro a farinha só pode ser torrada de um dia para o outro pois se não ela fica com um

gosto azedo. Mas antes de imprensar e antes mesmo de ralar a puba, se tira um pouco de massa para tirar a goma para fazer beiju, pois se tirar a massa junto com a puba azeda também a goma. Podemos também observar que as crianças ajudam a mãe, tia ou a avó a tirar a goma (veja figura 23), que não é um processo simples pois, é preciso colocar a massa na água, depois coar no saco e esperar o processo de decantação, todo esse processo é acompanhado e praticado pelas crianças momento a momento.

Figura 23. Retirando a goma da massa da mandioca.



Fonte: elaboração própria.

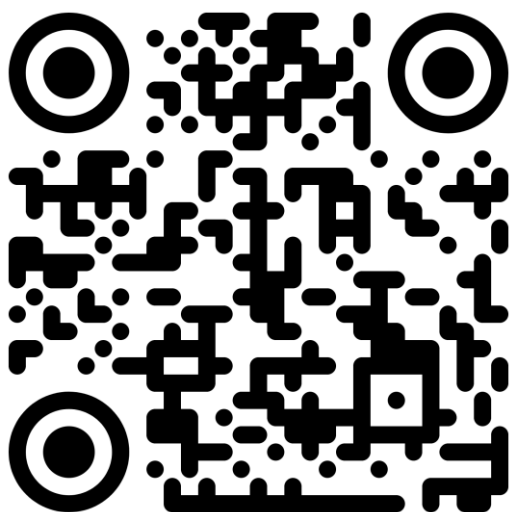
Minha mãe não me dizia o que fazer ou como fazer, explicando o passo a passo, eu via ela fazendo e comecei a fazer as coisas com ela. Minha filha ela não foi ensinada, desde pequena ela via a gente fazendo as coisas (peneirando a massa por exemplo) e depois começou a ajudar, hoje ela já faz muitas coisas sozinha. (Franciane Conceição,2021)

No dia seguinte a massa que foi impressada é retirada da prensa para passar pela peneira (veja figura 24). Muitas das vezes as crianças maiores são as quem fazem este processo de peneirar a massa para torar e fazer o beiju junto com os adultos, coletivamente. A torrada farinha já é realizada pelos adultos pois é preciso trabalhar com o forno e por isso as crianças não realizam, mas observam os adultos fazendo.

Figura 24. Prática de peneirar a massa para produção da farinha e do beiju.



Fonte: elaboração própria.



https://youtu.be/iG0_aPy15eM

Criança Pataxó na farinha
Elaboração própria

Então podemos perceber que com a pandemia a todo momento as crianças estiveram perto de seus familiares e assim, podendo participar efetivamente em todo processo de produção de farinha e beiju, coisa que antes eles só participavam parcialmente, em algumas etapas desta produção.

As crianças aprendem a comparar quantidades, aprendem a esperar, pois esperar também faz parte do aprender, esperar a mandioca pubar, esperar a massa estar pronta para ser torrada, aprendem que não se faz as coisas do nada sem se planejar antes, o tempo mais uma vez se faz presente. Esses são saberes aprendidos pelas crianças e jovens que acompanham tudo de perto, **aprende olhando e fazendo.**

Na figura 25 temos Dona Angelita Maria (Bôkuãdxê) e sua neta peneirando a goma para fazer beiju, na segunda imagem temos Uilian no processo de torra da farinha e na terceira imagem temos os beijus sendo assado.

Figura 25. Prática de produção de da farinha e do beiju.



Fonte: elaboração própria.

7.3. PRÁTICA DA CONSTRUÇÃO DO BOTE.

Uma prática que havia deixado de ser realizada era a construção de bote de madeira, muitos parentes realizavam esse ofício na comunidade, mas há muito tempo não se via ninguém construir. Em função da pandemia Gentil resolveu realizar a construção de um bote (Ver figura 26) para poder ir pescar no verão na praia de Corumbau, algo novo para muitos pois não se praticava mais em nossa comunidade.

Figura 26. Prática de construção de bote.



Fonte: elaboração própria.

A primeira imagem temos Gentil Braz no início da construção de seu bote e na segunda imagem temos Gentil e seus filhos no processo final de construção de seu bote.

“Eu tinha pedido para um parente fazer para mim, mandei tirar as tábuas e falava com um, falava com outro e nada de ninguém querer fazer, e o bote ajuda nos na praia pra ir pegar um peixe, aí eu falei: quer saber de uma eu mesmo vou fazer. Como eu tinha mais tempo por causa da pandemia eu resolvi fazer, aí os menino me ajudava aqui em casa e devagar fui fazendo até terminei. Agora está aí pronto, e nos vai final de ano já pra praia redar”. (Em entrevista para esta pesquisa Gentil Braz, 2020).

Gentil fala que está muito satisfeito com a realização desse sonho, pois ele nunca tinha feito um bote, mas que já tinha visto seu pai fazer e que o

ajudou quando era criança. Ele diz que queria fazer o bote há tempos mais por conta da vida corrida não tinha como construir, mas que agora com a pandemia teve tempo para realizar essa atividade.

Gentil Braz conta para nós como se pratica a prática de construção de botes:

Oh! Meu guerreiro Ulika:

O bote eu fiz né, a tábua é de uma madeira chamada louro ingá, foi a madeira que eu tirei. O tamanho das tábuas foi de 5 metros e meio que eu tirei né [...] quais às outras madeira que foi utilizada nesse bote pra fazer, pra dar acabamento no bote? A gente usou prás cavernas, a gente usou uma madeira chamada garapa que é mamadeira resistente à água do mar né. Usei madeirite que é uma madeira né, apropriada para barco né, também né, usei também tábua de paraju, que é também uma madeira muito boa para água, resistente a água.

Aí foi, aí veio os acabamentos, que foi que eu utilizei cola né, o nome da cola foi araldite [oraldite], que é própria para barco também. Usei pó de serra também que é muito bom para evitar o vazamento de água, pra água não tá infiltrando nas madeiras né, usei parafuso galvanizado, também próprio pra barco, pra não enferrujar, pra água do mar não enferrujar usei prego galvanizado também, apropriado para barco também e para água do mar. Usei tinta, tinta mesmo, normal, que pinta a porta e janela né, tinta óleo que a gente chama.

E aí eu fui dando os acabamentos, dei uma lixada nele, dei uma pintura né, parafusei, preguei né, depois de parafusado, passei a cola, coleí o araldite nele com o maderite. Foi esse material que usei nele, no bote, eu gastei uns 20 dias para fazê-lo né, porque também não fazia todo dia, fazia os pouco também, mas foi mais ou menos isso uns 20 dias que eu fiz ele.

A largura dele é de um metro, mas foi esse material que eu usei no bote. Foi a primeira vez que eu fiz o bote né, para quem não tinha feito um bote as pessoas que viu disse que ficou bom, eu também achei, para mim que ficou bom, botei no mar né, ele não deu vazamento nenhum.

O processo de entortamento do bote, a gente usa no bico dele, duas estacas enfincada né, no chão, mais ou menos assim, são quatro estacas, uma na popa, uma no meio e duas na proa. É mais ou menos assim, uma distância de uns 20 cm de distância uma da outra, aí bota outra estaca, mas perto do meio do bode, mais ou menos de um 80 cm e coloca mais duas estacas na polpa, que é aí que vai fazer o envergamento das tábuas né, puxa com a corda, aí prega, prega as cavernas e aí prega os bancos também, que é os bancos que vai segurar os envergamento das tábuas. O processo é esse daí, puxa na corda né, coloca as estaca no chão, mede certinho o tamanho para ele não ficar torto nem para o lado e nem para o outro, só para quando as tábua for envergar, para nenhuma não ficar mais envergada que a outra [...]

E é assim que é feito o bote. Nada de difícil de fazer, desse jeito aí, tendo paciência faz.

Gentil ao relatar sua experiência nessa prática de produção do bote ele nos faz um relato muito claro do material utilizado e de como ele realizou a construção desse sonho, nos ensina a técnica de como fazer, mas o que mais me chama a atenção é quando ele diz que “*É assim que é feito o bote. Nada de difícil de fazer, desse jeito aí, tendo paciência faz*”. Aí está o segredo, pois sabemos que não é fácil fazer um bote, mas que tudo que é feito com paciência fica fácil, seguindo a técnica e os procedimentos se molda o bote, no seu tempo, sem pressa e sem pressão as coisas ficam fácil, não adianta forçar a aprendizagem pois só aprendemos aquilo que nos é importante e aquilo que feito com paciência, aquilo que fazemos com o corpo todo.

É assim que aprendemos, fazendo... *é assim que é feito*, as crianças e os jovens acompanham os pais na realização das diversas atividades realizadas no dia a dia. Na vivência diária vão aprendendo praticando com os mais velhos ou os mais experientes, cada um de acordo com sua condição vai fazendo sua parte, pois nem todas as tarefas podem ser realizadas por todos, os homens, mulheres, jovens e crianças, cada um faz aquilo que lhe é possível. Assim que se faz, *a aprendizagem acontece na prática*, nada forçado, o conhecimento que aprendemos se faz acontecer na vida comunitária.

7. 4. A EDUCAÇÃO QUE ACONTECE DENTRO MOVIMENTO INDIGENA

O governo aproveitou a pandemia e buscou aprovar projetos genocidas contra nosso povo indígena tentando de diversas formas nos matar, sem apoio a saúde, querendo nos empurrar de ladeira abaixo com projeto de lei como por exemplo a PL490 do marco temporal. Mas como nosso povo indígena é forte e bravo, fomos para cima com nossas manifestações e orações aos nossos encantados. Nossas comunidades dividiram em grupos e uma parte foram para Brasília e outras ficaram na base, então reunidos fechamos a pista BR101 para dar apoio para os povos que estavam no Distrito Federal. Toda a comunidade participou, jovens, adultos, anciões e crianças (Ver figura 27).

Figura 27. Prática de manifestar-se.



Fonte: elaboração própria.

As crianças através da participação nos movimentos puderam aprender que como diz o ditado popular “uma andorinha só não faz verão”, as crianças sentiram na pele também, como dizia nosso grande mestre e grande sábio de nosso povo TURURIN PATAXÓ que “*uma vara só é fácil de se quebrar, mas um moi é mais difícil*” aprenderam que nas lutas de nosso povo, nós nunca devemos lutar sozinhos, devemos lutar sempre juntos (Ver figura 28).

Figura 28. Prática de resistência.



Fonte: elaboração própria.

Um indígena na luta, nunca luta só, pois se não fosse a união e as ações realizadas em conjunto com os parentes indígenas nas bases fechando as pistas e outros em Brasília ocupando os diversos espaços que devem e poderiam ser ocupados por nosso povo, não tínhamos conseguido adiar essa

votação, apesar de não ser esse nosso desejo, pois o que queríamos de fato era um julgamento que fosse favorável para nossos povos. Queríamos e queremos que esse Projeto de Lei 490, que é um projeto genocida, fosse anulado, esquecido, pois ele vai em contramão do nosso projeto de vida em nossas comunidades indígenas e a lei maior de nosso estado que é a constituição.

Figura 29. Prática de “fechar a BR”.



Fonte: elaboração própria. Visite o vídeo para maiores detalhes no QRcode ou no seguinte link: https://youtube.com/shorts/N_snAMoye-0

As crianças aprenderam, e com mais intensidade na pandemia, que é preciso cuidar um do outro, que é preciso cuidar principalmente dos nosso mais velhos que são nossa maior fonte de conhecimento pois é com nossos anciões que a vida (HISTÓRIA) da aldeia está guardada e com eles é preciso aprender.

É preciso aprender para que a vida da aldeia não se acabe, os anciões são aqueles que carrega com sigo a história do nosso povo. Eles sabem de onde viemos, o que vivemos e como chegamos aqui, eles sabem as lutas que precisaram ser travadas para conseguir aquilo que temos até hoje, lutas que

em vários momentos precisaram de outros conhecimentos, o conhecimento das marés, o conhecimento do mar, da praia que é a ação de ir e vir, pois por muito tempo os nossos mais velhos tiveram que fazer viagens à capital do Brasil para buscar por nossos direitos e voltavam sem nenhum resultado todo desanimado, triste.

Eles voltavam para nossa aldeia se enchiam de energia e vontade e iam de novo em busca de demarcação, em busca de saúde, em busca de educação, em busca de uma vida melhor para nosso povo, mas ao voltar nem sempre tinham uma resposta boa, muitas das vezes voltavam até esperançosos. Com tudo com o passar dos anos eles foram conquistando muitas lutas, assim como o oceano batendo nas pedras, indo e voltando foi mostrando nossa força e capacidade de resiliência, capacidade de se moldar ao tempo e ao espaço.

Nesse período pandêmico as crianças puderam vivenciar essas práticas vividas desde sempre pelas nossas lideranças mais velhas e hoje sendo vivenciada por nossos jovens guerreiros e guerreiras, pois a luta não para, nascemos na luta (Veja figura 30).

Figura 30. Prática de esperançar.



Fonte: elaboração própria.

Muda-se as figurinhas no planalto dos três poderes, mas não muda a cabeça e o pensamento atrasado de quem lá chega, essa matemática é certa,

sai um e entra outro no poder, de forma intensa ou vagarosa, sempre buscam contar a nossa história a partir do ponto de vista deles, do jeito não indígena de ser.

Buscam sempre nos fazer enxergar o mundo a partir de seus olhos, dos olhos de quem vê a mãe terra como uma propriedade particular e a explora sem fim, de quem ver o universo como algo que precisa ser explorado, conquistado, desbravado, de pessoas que acham que viver bem é viver da lucratividade daquilo que acha ser seu.

Essa matemática é certa, passa-se os anos, muda-se governo, mas não muda a consciência de quem está no poder, não muda a consciência de que nem sempre você precisa plantar para colher, basta apenas cuidar pois assim sempre podemos ter.

7.5. PRÁTICA DE COLETAS DE FRUTAS E SEMENTES

As crianças vão vivendo e aprendendo com seus pais, que é preciso proteger nosso território que é preciso ampliar essa proteção e ao mesmo tempo ampliar o próprio território, aprendizagens intensificadas nesse período de COVID-19, proteger para ter, proteger para poder viver, proteger para sobreviver, pois não existe vida para nós sem nossa mãe terra, pois com a pandemia veio o desemprego. Como algumas famílias ficaram desempregadas, foi nossa mãe terra que nos sustentou, nossos rios, nosso mar, o mangue, as roças, as colheitas de aroeira (Ver figura 31), manga, mangaba, maracujá, pimenta do reino, abacaxi... e venda de artesanatos.

“foram (a família) pegar aroeira para vender e por isso não passou dificuldade” (Emilly Perreira,2022)

Foi nessas práticas que nos valeram nestes tempos sombrios nas quais as crianças puderam vivenciar de forma mais intensa a nossa educação tradicional junto aos seus pais e familiares.

Figura 31. Prática de coletar.



Fonte: elaboração própria.

Ao ir para a colheita de mangaba para fazer poupa as crianças observavam e ajudavam seus pais na realização dessas atividades e perceberam que há territórios que são autodemarcados por nós pois, eram utilizados por nossos ancestrais e mais velhos, porém, hoje essas áreas estão nas mãos de fazendeiros. Do mesmo modo ao ir catar aroeira conhecida por muitos como pimenta rosa, que é muito utilizada tanto na culinária como no

cosmético, por ser uma planta que tem vários benefícios medicinais para a saúde.

Nesse trânsito entre o território demarcado e autodemarcado as crianças vão conhecendo e aprendendo os nomes antigos daqueles lugares, lugares que os mais velhos viveram antes e relatam suas experiências de outras formas de vida e aprendem sobre a necessidade de demarcação dessas terras, as crianças ouvem história como:

“naquele lugar morava João Monô ele morou aí mais sua família, nos vínhamos visitar eles aqui. Quando nós vivíamos aqui era muito bom [...]” (Angelita Conceição, 2021- Dona Bokuãdxê)

“você está vendo lá aquela baixada eu morei ali mais mamãe quando nós saiu de Barra Velha na revorta (fogo de 51) ali nos criou porco, galinha. Botamos roça daquele lado, aqui era tudo mata. Tudo aqui era mata. Quando nos passava aqui para o outro lado para vigiar o mundêu, quando voltava nós via o rastro da onça, tinha passado em cima de nosso rastro [...]” (Angelita Conceição, 2021- Dona Bokuãdxê)

“eu e sua tia ia pegar lenha e nos vinha com tatu, com uma cutia, era um quati os cachorro acuava e nos matava era de fisga, de facão, nós não ia longe não [...]” (Angelita Conceição, 2021- Dona Bokuãdxê)

“naquele corgo ali papai estava indo pegar lenha aí os cachorro tirou uma paca, daí ele saiu correndo e foi pro corgo, só que agora ele tá raso, mas esse corgo era fundo,

demorou pouco os cachorro jogou a paca naqua quando ele viu já vinha ela por baixo d'água de corgo a baixo, papai fisgou ela e ela era grande, aqui era só fartura [...]”. (Eriedson Braz, 2021)

Essas histórias contadas pelos adultos são aprendidas pelas crianças nesses momentos de colheitas, aprendem sobre os processos de autodemarcação do território, aprendem que os limites da aldeia são bem maiores pois o território de um povo tem que da capacidade de sustentabilidade para o povo atual e as futuras gerações, sustentabilidade que o território sempre deu para as famílias e o povo Pataxó por séculos vivenciando suas práticas e seu costumes.

Além do mais as crianças aprendem também como alguns não indígenas pensam e agem perante nosso território, pois aconteceu um fato aqui próximo a nossa comunidade, uma área que fica perto de nossa aldeia onde tinha bastante aroeira, o pessoal na época em que a aroeira começava a botar frutos e os frutos já estavam maduros muitas famílias iam colher, não se sabe se foi por conta da comunidade ou se foi por outros motivos mais o fazendeiro mandou derrubar toda a aroeira, arou a terra plantou capim. Agora essa área que tinha bastante aroeira não tem mais, sem falar que a cerca foi toda refeita e reforçada com eletricidade, houve uma mudança total na paisagem e, então, com essa atitude as crianças aprendem que houve um grande impacto no ambiente, mas também na economia de algumas famílias pois, hoje não vai ter a mesma quantidade de aroeira para todos que antes coletavam (Ver figura 32).

Figura 32. Áreas degradadas.



Fonte: elaboração própria.

7.6. PRÁTICA DA PESCA

A participação das crianças nas práticas de pesca deu a elas saberes vivenciados que são únicos, pois quando elas vão para o mar elas aprendem a cuidar do seu espaço e da mãe natureza, que não se pode desmatar nem degradar que é preciso proteger as matas, o mangue, os rios e o mar, pois elas são as moradas dos encantados e muitos seres vivos que nos alimentam, como por exemplos os peixes e os mariscos. A mãe natureza nos sustentou e continua nos sustentando principalmente durante período de pandemia pois muitas famílias ficaram sem emprego e tivemos que ficar dentro do território. O rio e o mangue são espaços do território que nos propiciam diversas fontes de alimentos supriu a necessidades das várias famílias de nossa aldeia.

A pesca do peixe e do marisco sempre fizeram parte da cultura alimentar de nosso povo Pataxó, sempre fez parte das nossas tradições diárias

ir ao mangue e ao rio pescar. Peixes como moreia, tainha, pegar caranguejo, siri, aratu, concha, búzio, ostra e goiamum são alguns dos alimentícios que sempre fizeram parte da culinária do nosso povo Pataxó (Ver figura 33).

Figura 33. Prática da pesca.



Fonte: elaboração própria.

Como as crianças elas estão sempre junto com seus familiares, no momento da pescaria não é diferente, é assim como elas aprendem fazendo junto com seus pais e com outros mais velhos a arte de pescar e vai se preservando o conhecimento tradicional do nosso povo (Ver figuras 35 e 35).

Figura 34. Prática de pesca no mangue.



Fonte: elaboração própria.

Figura 35. Prática de pesca de caranguejo no mangue.



Fonte: elaboração própria.

Com essas práticas as crianças vão adquirindo conhecimento importante para a vida do ser Pataxó, conhecimento passados de pais para filho, vivenciado no dia a dia, por exemplo, saber em que períodos cada tipo de mariscos estão disponíveis é importante porque como diz seu Pedro Braz (2022)

“não é só você sair de casa e dizer: _vô lá no mangue! ou vô lá no rio! Não, num é assim não, é preciso saber o momento certo né porque se for no momento que não é certo você vai dar uma viagem perdida no mangue vai dar viagem perdida no rio então a gente precisa entender o tempo né, o tempo certo.” (Pedro Braz, 2021)

Então para pescar é preciso todo um conhecimento para saber o momento, o local ideal, porque se for no momento que não é propício você vai fazer uma viagem perdida no mangue. A criança junto com seus pais observa e busca compreender e entender esse tempo. Podemos observar que a lua ela está presente nas maiorias das atividades no povo Pataxó, como diz seu Pedro Braz,

“dependendo da fase da lua cada tipo de marisco né ou de peixe né ele pode pegar, cada tipo de marisco ele vai estar fácil naquela época né. Sem falar que também tem um período em que os bichos estão se reproduzindo em que os mariscos na época de reprodução não dá certo, então é uma época que não pode pegar, por que os bichinhos tão tudo de ova ou de filhote aí não da, não pode, não há condições de termos como está realizando né, a pesca.”

(Pedro Braz, 2021)

Então a depender das fases da lua os mariscos e os peixe pode ser pescado naquele período pois, são momentos em que cada espécie de animal vai estar disponível, ou seja, menos difícil de pegar, respeitando sempre o período de reprodução de cada espécie para não causar prejuízo ao ambiente. As crianças elas vão observando e através das suas observações elas vão conhecendo e aprendendo sobre o tempo, as fases da lua e conhecendo qual é o período bom para pescar.

“eu aprendi com minha mãe, e minha avó também que me ensinou que o tempo de pegar o goiamum por exemplo é na lua cheia, o Siri já na lua crescente, a moreia né, já é na lua nova na maré morta”. (Ronaldo Conceição, 2022)



<https://youtube.com/shorts/Ln7IHrhS9RE>

Relato de aprendizagem no Manguê.
Ronaldo Conceição no manguê com seu
filho

Elaboração própria

Na pandemia e com a impossibilidade de sair para trabalhar, ir à cidade e a falta de alguns alimentos o manguê foi uma das fontes de alimento para nosso povo Pataxó assim como o rio que também trouxe o sustento para várias famílias.

“várias famílias saiu e eu também né, para o rio para pescar, para conseguir o pedaço né o “mucusuy” (peixe) aí eu consegui o “mucusuy” para se alimentar e as crianças elas iam, existe alguns conhecimentos em relação a pesca, as crianças elas vão aprendendo, é o horário de pescar né porque não é qualquer hora, como já falei, então tem horário, tem o tempo, tem a lua isso tudo influencia né, e as crianças elas vão aprendendo né” [...]

“Na pescaria do rio, quando sair para pescar, não é todo momento ou qualquer hora que pode ir pescar no rio, pois existem alguns peixes que se pesca pela manhã a partir das 9 hora, outros né, tem alguns outros peixes que já se pesca já de tardezinha, anoitecendo, outros já se pesca à noite né da mesma forma também que o marisco né existe

um momento específico para pescar e não pode ser a qualquer hora e quando as crianças ela acompanha os pais para o rio, elas vão observando e já vão aprendendo já desde cedo né, já como ser uma criança indígena Pataxó pois ela aprende já desde cedo já junto com seus pais né” (João Braz 2022).

As crianças aprenderam destes vários processos para poder realizar essas práticas que passa desde a escolha do lugar quanto ao processo de tirar isca, onde tira a isca, qual isca para qual peixe. Para ir pescar não é você sair com anzol e ir pescar sem saber qual é a isca que vai levar, qual é o peixe que está interessado em pegar, qual o horário que o peixe vai beliscar, vai comer. É assim que se faz e a aprendizagem vai acontecendo.

Capítulo 8

FECHAMENTO

Quando falamos sobre aprendizagem, saberes, práticas e construção de conhecimento, pensamos imediatamente na escola como espaço único de aprendizagem, com a pandemia as escolas fecharam, para muitos as crianças não aprenderam nada.

Mas este trabalho mostra os diversos ambientes que a educação acontece, não a educação escolarizada, mas a educação para a humanidade, para a cidadania, para o ser Pataxó, educação que é desvalorizada pela escolarização, mas que se faz importante para nosso povo pois é assim que se faz.

Esse trabalho nos faz perceber como a educação indígena familiar se fez presente neste tempo pandêmico e como fortaleceu ao meu povo Pataxó, como a única educação na vivências dessas crianças, pois é nas práticas diárias que o saber acontece, as crianças junto com seus pais aprenderam a ser uma criança Pataxó, construindo aprendizagens a cada fase de sua vida, jovem, adolescente, criança vai crescendo e vai se formando, aprendendo e construindo os seus aprendizados para ser um indígena Pataxó da aldeia Águas Belas e é assim que nós fazemos.

Este trabalho de pesquisa ainda nos permite elucidar que mesmo com a escola fechada, as crianças deixaram de ir para a escola, mas não deixaram de aprender e que esses aprendizados não trouxeram uma queda importante na qualidade de vida das crianças, e nem prejuízo na dimensão sociocultural, ao contrário, se fortaleceu nossa cultura.

Esta pesquisa ainda nos leva a enxergar que apesar de séculos e séculos de imposição de uma outra cultura a nossa cultura indígena consegue permanecer viva até os dias atuais e que as pedagogias dos nossos antepassados conseguiam e ainda conseguem passar de geração em geração saberes milenares, ao ponto de não perdermos aquilo que nos é tão precioso

que é a nossa cultura. Tais como olhar o tempo, a lua, a revoada das aves, fases da lua, período de caça e de pesca sem degradação, tipos de brincadeiras...

Então, **é assim que é feito**: Primeiro deixar perceber, sentir, ouvir, pegar, ver, deixa conviver, possibilitando experimentar daquilo que considera importante à sua vida, possibilitando construir vida e transformando a realidade em aprendizado.

REFERÊNCIAS

- BANIWA, Gersem. **Educação Escolar Indígena no Brasil: avanços, limites e novas perspectivas**. 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_encomendados/gt21_trabalhoencomendado_gersem.pdf. Último acesso em: 14 de setembro de 2022.
- LEITE César Donizetti Pereira; CAMARGO, Andreia Regina de Oliveira. *Desaprender a Cada Tempo em Tempos Pandêmicos: Crianças, Artes e Outros Contágios*; In Dossiê Especial: **As crianças e suas infâncias em tempos de Pandemia, Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1177-1187, dez./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/78673>.
- Línguas. Povos Indígenas no Brasil (PIB), 2019. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Línguas>. Último acesso em: 14 de set. de 2022.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- FERREIRA, Samara da Silva Santos; SANTOS, Reginaldo da Silva, **A Infância Das Crianças Pataxó: Observações Sobre A Vida Das Crianças Na Aldeia Corumbauzinho (Ba)**; *Percurso acadêmico do curso de Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI)*. UFMG. Belo Horizonte. 2021.
- NOAL, Mirian Lange; SILVA, Denise, *Crianças Pequenas Terena: Reencontros Ancestrais Em Tempos De Pandemia*; In Dossiê Especial: **As crianças e suas infâncias em tempos de Pandemia, Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1177-1187, dez./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/78673>.
- SANTOS, Lárca Silva dos. **Memórias em tempos de pandemia na Aldeia Pataxó Sede em Carmésia (MG)**. *Percurso acadêmico do curso de Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI)*. UFMG. Belo Horizonte. 2021.
- SILVA, Isabel de Oliveira e; LUZ, Iza Rodrigues da; CARVALHO, Levindo Diniz. **Infância e pandemia na Região Metropolitana de Belo Horizonte**; (recurso eletrônico): primeiras análises. Belo Horizonte: UFMG/FaE/NEPRI, 2021. Disponível em: <https://infanciaconfinada.com/wp-content/uploads/2021/05/Infancia-e-pandemia-em-Belo-Horizonte-Primeiras-ana-lises-19-4.pdf>.

SANTOS, Solange Estanislau dos; SARAIVA, Marina Rebeca de Oliveira. *O Ano Que Não Tem Fim: As Crianças E Suas Infâncias Em Tempos De Pandemia*; In Dossiê Especial: **As crianças e suas infâncias em tempos de Pandemia, Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1177-1187, dez./dez., 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/78673>.

SANTOS, Alana Barros. *Retratos da Pandemia no Bairro da Levada: Infância e Crise em um "Bairro de Periferia"*; In Dossiê Especial: **As crianças e suas infâncias em tempos de Pandemia, Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1177-1187, dez./dez., 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/78673>.